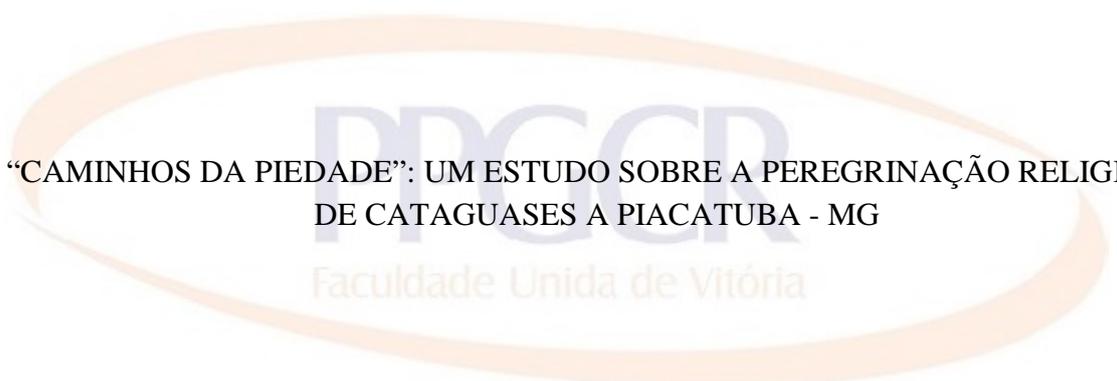


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EDUARDO GOMES DE SOUZA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 26/06/2019.



“CAMINHOS DA PIEDADE”: UM ESTUDO SOBRE A PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA  
DE CATAGUASES A PIACATUBA - MG

VITÓRIA  
2019

EDUARDO GOMES DE SOUZA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 26/06/2019.

**“CAMINHOS DA PIEDADE”: UM ESTUDO SOBRE A PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA  
DE CATAGUASES A PIACATUBA - MG**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Análise do Discurso  
Religioso

Orientador: Dr. José Adriano Filho

Vitória - ES  
2019

Souza, Eduardo Gomes de  
“Caminhos da piedade” / Um estudo sobre a peregrinação religiosa de  
Cataguases a Piacatuba – MG / Eduardo Gomes de Souza. -- Vitória:  
UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.  
vii, 70 f. ; 31 cm.  
Orientador: José Adriano Filho  
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.  
Referências bibliográficas: f. 69-70

1. Ciência da religião. 2. Análise do Discurso Religioso. 3. Discurso religioso. 4. Peregrinação. 5. Peregrinação religiosa. 6. Emoção e caminhos da piedade. - Tese. I. Eduardo Gomes de Souza. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

EDUARDO GOMES DE SOUZA

**“CAMINHOS DA PIEDADE”: UM ESTUDO SOBRE A PEREGRINAÇÃO  
RELIGIOSA DE CATAGUASES A PIACATUBA - MG**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA



Doutor Sergio Luiz Marlow – UFES

## RESUMO

A peregrinação religiosa tem sido apontada como tema desse estudo deixando claro que também, diversos autores assim como religiosos e peregrinos estão vivendo em busca do contato com o sagrado por questões ligadas a espiritualidade e a fé. O que relaciona o humano e a espiritualidade normalmente envolve pessoas dentro da transposição da fé, independente da religião professada. A peregrinação então passa a ser vista de um ângulo onde pode ser pensada como um espaço de aprendizado religioso. Metodologicamente essa pesquisa tem por natureza se orientar através de pressupostos onde o uso do trabalho de campo, a observação dos participantes e entrevistas próprias para esta pesquisa buscam compreender o que “atrai” os peregrinos a seguir um caminho de aproximadamente 21 Km onde ligam Cataguases à pequena cidade de Piacatuba, todas situadas no interior da Zona da Mata Mineira. O associação das ideias próprias dos autores citados ao longo deste trabalho vão se juntar aos relatos adquiridos através das entrevistas e pesquisas feitas nos peregrinos da citada Caminhada, “Caminhos da Piedade”. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é observar o que impulsiona as pessoas para essa referida caminhada e se a fé do ser humano nos dias atuais ainda permanece presente como instrumento de busca espiritual. Isso também só será possível ser analisado, ao perceber como o corpo do peregrino se comporta atrelado às emoções sentidas ou expressadas nessa caminhada que leva todos à Igreja de Nossa Senhora da Piedade, em Piacatuba-MG.

Palavras-chave: peregrinação, emoção e caminhos da piedade.

## ABSTRACT

The religious pilgrimage has been pointed out as the theme of this study making it clear that also, several authors as well as religious and pilgrims are living in search of contact with the sacred for issues related to spirituality and faith. What relates to human and spirituality usually involves people within the transposition of faith, regardless of the religion professed. The pilgrimage then comes to be seen from an angle where it can be thought as a space for religious learning. Methodologically, this research is based on assumptions where the use of fieldwork, the observation of participants and interviews for this research seek to understand what “attracts” the pilgrims to follow a path of approximately 21 km where they connect Cataguases to the small town of Piacatuba, all located inside the Zona da Mata of Minas Gerais state. Thus, the main objective of this research is to observe what drives and if the faith of the human being in the present day still remains present as an instrument of spiritual search. This will just be possible to be analyzed realizing how the pilgrim’s body behave to the emotions felt or expressed in this journey that leads everyone to the Church of Nossa Senhora da Piedade, in Piacatuba-MG

Keywords: pilgrimage, emotion, ways of piety.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esboço urbano de Cataguases em 1878 .....	14
Figura 2 – Primeira fachada em estilo gótico da Igreja de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG.....	15
Figura 3 – Fachada e interior do Santuário de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG .....	16
Figura 4 – Pintura expressionista da Via Crucis no interior do Santuário de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG .....	16
Figura 5 – Imagem de Nossa Senhora da Piedade.....	18
Figura 6 – Monumento histórico-religioso da Cruz Queimada, em Piacatuba/MG.....	20
Figura 7 – Construção da torre da Cruz Queimada, em Piacatuba/MG .....	21
Figura 8 – Torre da Cruz Queimada atualmente, em Piacatuba/MG .....	22
Figura 9 – Imagem de Santa Rita de Cássia .....	26
Figura 10 – Logotipo da camisa da peregrinação “Caminhos da Piedade” em 2018.....	29
Figura 11 – Divulgação nas redes sociais da transferência do dia da terceira caminhada devido às chuvas, em 2015 .....	30
Figura 12 – Padre Passon e seu auxiliar fazendo a propaganda da 6ª peregrinação “Caminhos da Piedade – 2018” .....	31
Figura 13 – Padre Jorge Luiz Passon mostrando as várias camisas que identificaram cada caminhada.....	31
Figura 14 – Um dos carros de apoio para a peregrinação “Caminhos da Piedade” .....	32
Figura 15 – Uso de banheiros químicos durante a caminhada, em 2014 .....	33
Figura 16 – Entrega das frutas nas paradas programadas, em 2014.....	33
Figura 17 – Doações após a peregrinação, em 2017 .....	34

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 SOBRE AS CIDADES ENVOLVIDAS NA PEREGRINAÇÃO “CAMINHOS DA PIEDADE” .....	12
1.1 Cataguases.....	12
1.2 Piacatuba .....	17
1.3 Leopoldina.....	23
1.4 Contexto histórico da peregrinação “Caminhos da Piedade”.....	24
1.5 Santos protetores e o valor da religiosidade na região .....	26
1.6 Os preparativos para a caminhada “Caminhos da Piedade” .....	28
1.6.1 A identificação da caminhada por meio das cores .....	30
1.6.2 A resistência do corpo humano na caminhada.....	34
2 SOBRE A PEREGRINAÇÃO “CAMINHOS DA PIEDADE”.....	37
2.1 As crenças e os ritos e o profano e o sagrado ligados à religiosidade.....	39
2.2 O mundo da Bíblia e o mundo moderno da internet.....	40
2.3 Um olhar sobre o corpo e uma breve análise das emoções do peregrino.....	42
2.4 A peregrinação como forma de turismo .....	44
2.5 A transformação do peregrino em divulgador da fé.....	49
2.5.1 A continuidade da fé.....	50
2.5.2 Uma sociedade religiosa conhecedora da fé.....	51
3 O TRABALHO DE CAMPO COMO UM MÉTODO DE PESQUISA EM “CAMINHOS DA PIEDADE” .....	53
3.1 O diálogo com alguns autores .....	54
3.2 Trabalhos já publicados do fato em questão.....	55
3.3 Entrevistas e relatos se misturam dando forma a peregrinação.....	57
3.4 O trabalho do historiador na coleta de dados .....	59
3.5 O peregrino e a condição corporal para realizar a caminhada.....	61
3.6 Objetos e situações encontradas no trajeto que representam a resistência do corpo.....	62
CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS .....	69
APÊNDICES .....	71

## INTRODUÇÃO

A peregrinação religiosa tem sido apontada como tema desse estudo deixando claro que também, diversos autores assim como uma grande gama de indivíduos modernos estão vivendo em busca do contato com o sagrado por questões ligadas a espiritualidade e a fé. O que relaciona o humano e a espiritualidade normalmente envolve pessoas dentro da transposição da fé, independente da religião professada<sup>1</sup>. A peregrinação então passa a ser vista de um ângulo onde pode ser pensada como um espaço de aprendizado religioso.

Independentemente da religião professada, o que une o ser humano à espiritualidade é a sua fé<sup>2</sup>. A religiosidade expressada por meio da peregrinação mostra como as pessoas, hoje em dia, vivem em busca de um contato com o sagrado, o que Marcel Mauss<sup>3</sup> define como ação tradicional eficaz, em que é possível perceber o humano e o sagrado. Nesse sentido, a peregrinação passa a ser vista como um espaço de aprendizado religioso.

Em vista disso, esta pesquisa busca compreender o que atrai tantas pessoas para a peregrinação “Caminhos da Piedade”, que segue por aproximadamente 21 km, saindo da cidade de Cataguases/MG<sup>4</sup> rumo à Igreja de Nossa Senhora da Piedade, em Piacatuba/MG<sup>5</sup>, ambas cidades do interior da Zona da Mata Mineira. O objetivo principal foi analisar o que impulsiona esses peregrinos, como eles expressam sua fé e como seus corpos se comportam diante das emoções sentidas durante o trajeto.

Estavam presentes na caminhada vários peregrinos que professam religiões diferentes da católica, que é a grande incentivadora dessa peregrinação, o que mostra que a fé não depende da prática religiosa, pois, mesmo que ela seja diferente, ela existe. E prova dessa existência é a presença de peregrinos de diversos seguimentos em busca do espiritual.

Metodologicamente, trata-se de um trabalho de campo, a parte da literatura, no qual, por meio de entrevistas realizadas com os peregrinos, buscou-se analisar a religiosidade, o lado sagrado do ser humano e como ele professa sua fé, tendo como base as técnicas de transmissão e aprendizagem ligadas ao humano<sup>6</sup>, e a incorporação da fé<sup>7</sup> na vida de quem participa da peregrinação.

<sup>1</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify. 2003, p. 74.

<sup>2</sup> MAUSS, 2003, p. 79.

<sup>3</sup> MAUSS, 2003, p. 108.

<sup>4</sup> Cidade histórica da Zona da Mata Mineira, fundada em 7 de setembro de 1877.

<sup>5</sup> Distrito do município de Leopoldina, na Zona da Mata Mineira, inaugurado em 3 de maio de 1852, e que vem se destacando pela lendária história da Cruz Queimada.

<sup>6</sup> MAUSS, 2003, p. 108.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a Teoria da Ação*. São Paulo: Papyrus Editora, 2008, p. 189.

Independente do contexto religioso variado existente em dias atuais foi possível encontrar na caminhada da Piedade vários peregrinos que professam religiões diferentes da religião católica que é a grande incentivadora dessa peregrinação. Isso vem mostrar que independente do culto religioso professado, a fé permanece como grande incentivadora em práticas religiosas diferentes das propostas em várias denominações religiosas.

A Caminhada da Piedade, tem seu ponto de partida na cidade de Cataguases, localizada no Estado de Minas Gerais onde possui uma grande representação religiosa católica com vários trabalhos comunitários feitos através de diversas pastorais. Juntou-se a esse contexto a prática de uma peregrinação já existente numa cidade próxima chamada Leopoldina<sup>8</sup>. Um padre denominado Jorge Luís Passon<sup>9</sup>, pároco de Leopoldina há alguns anos atrás inicia uma peregrinação em Leopoldina depois de ser detectado um número representativo de homicídios naquela localidade. A desova dos corpos estava sendo feita no cruzeiro, ponto marco histórico por onde iniciou a atual cidade de Leopoldina. Foi então que se teve a ideia de uma peregrinação do centro da cidade de Leopoldina até o cruzeiro, onde percorriam aproximadamente 9 Km. Essa caminhada recebeu o nome de “Caminhada da Misericórdia”.

Depois de realizadas várias caminhadas em Leopoldina o padre foi transferido para o Santuário de Santa Rita de Cássia na cidade de Cataguases. Foi quando se teve a inovadora ideia de adaptar a caminhada que acontecia em Leopoldina para a cidade de Cataguases. Conhecendo mais detalhadamente o histórico religioso de Cataguases, chega-se a história da Cruz Queimada<sup>10</sup> no distrito de Piacatuba.

Piacatuba, pequeno distrito de Leopoldina, tem como sua padroeira Nossa Senhora da Piedade. Conta-se que a origem dessa santa é um título e uma imagem da Virgem Maria

---

<sup>8</sup> Em 1813, foram doadas as primeiras sesmarias no território do atual município de Leopoldina. Em 1831 foi criado o distrito de São Sebastião do Feijão Cru, pertencente ao município de São Manuel do Pomba, atual Rio Pomba. O distrito foi transferido em 1851 para o município de Mar de Espanha, do qual se emancipou pela Lei Provincial n° 666 de 27 de abril de 1854, que criou o município de Vila Leopoldina. A formação da vila começou em torno da praça do Rosário, a partir da qual saíam as ruas existentes hoje na cidade. O município teve sua emancipação política em 1854. Seu nome é uma homenagem à princesa Leopoldina de Bragança e Bourbon, filha do Imperador D. Pedro II. Disponível em: <<https://radiojornal.net/noticia/470918/historia-do-municipio-de-leopoldina>>. Acesso em: 02 maio 2018.

<sup>9</sup> Pe. Jorge Luiz Passon, atualmente pároco no Santuário de Santa Rita de Cássia, brasileiro, ordenado padre no ano de 1984 na cidade de Guidoal – MG.

<sup>10</sup> Distrito pertencente ao município de Leopoldina-MG, Piacatuba já foi chamada de curato de Nossa Senhora da Piedade. A origem da cruz queimada em Piacatuba tem início no ano de 1844 quando o capitão Domingos de Oliveira Alves doou uma porção de terras onde deveria ser instalado um povoado que receberia o nome da padroeira Nossa Senhora da Piedade. Para demarcar a área foi mandado erguer uma cruz de madeira de lei. Mas, outro fazendeiro reivindicava a posse daquelas terras, gerando assim o conflito conhecido como episódio da cruz queimada. De acordo com a oralidade local a cruz teria resistido aos machados e ao fogo para destruí-la. Até hoje o local é lugar de peregrinação. Disponível em: <<https://radiojornal.net/noticia/470918/historia-do-municipio-de-leopoldina>>. Acesso em: 02 maio 2018.

inspirada na famosa obra de arte “Pietà”, de Michelangelo e também em Nossa Senhora das Dores. Considera-se que essa imagem “fala” pela força da expressão artística. A imagem de Nossa Senhora com seu filho Jesus, morto, em seus braços, remete à análise de um momento muito específico de dor e sofrimento logo após a morte de Jesus na Cruz.

Teologicamente falando a imagem de Nossa Senhora da Piedade é muito profunda, Jesus morto, recém descido da cruz e ainda nos braços de sua mãe. Isso retrata o sacrifício da salvação, retrata a dor da mãe oferecendo seu filho pela salvação do mundo. Até os dias de hoje essa dor de Maria representa a dor de tantas mães que sofrem a perda de seus filhos.

Dentro da história, em Portugal, se encontra a representação mais antiga de Nossa Senhora da Piedade. Uma obra pintada em madeira, fixada em uma das várias capelas na cidade de Lisboa, mais precisamente no claustro da Sé. Seu pertencimento era a uma antiga Irmandade que tinha por missão enterrar os mortos, consolar e visitar presidiários e até acompanhá-los até a morte. Essa pintura foi durante muitos séculos a representatividade emblemática das Santas Casas de Misericórdia em Portugal.

Conta-se uma outra história de Nossa Senhora da Piedade em Portugal. Existem relatos que nessa localidade se referiam a ela como Nossa Senhora da Piedade de Merceana. Na tradição conta-se que ela apareceu bem no tronco de uma árvore, lá pelo século XII e que em certo dia um camponês observava que seus bois se afastavam sempre no mesmo horário e iam em direção ao campo. Este homem juntou outros camponeses e resolveram seguir os animais porque não entendiam o que estava acontecendo. E para surpresa de todos os animais se dirigiam a uma Carvalheira e se ajoelhavam diante da imagem que se formava no tronco da árvore. Mais tarde, aquela comunidade se uniu e construíram ali uma capela em homenagem a essa Nossa Senhora.

Talvez tenha sido através desse culto que Nossa Senhora da Piedade chegou ao Brasil, através dos europeus, mais precisamente em Guaratinguetá, onde é padroeira e também local de parada dos bandeirantes que seguiam a caminho do interior, rumo a Minas Gerais. O trajeto feito pelos bandeirantes saía próximo de Caeté e Belo Horizonte onde ainda existe um santuário dedicado a Nossa Senhora da Piedade. A imagem presente neste santuário é de madeira e sua festa comemorativa acontece em 15 de setembro, um dia após a festa de Exaltação da Santa Cruz, outra comemoração religiosa.

Piacatuba, localidade que possui um forte clima de religiosidade por conta de uma história que remonta de suas origens, onde se fala e preserva a “Cruz Queimada”, possui uma cruz, localizada na única praça do distrito, construída por escravos e que se tornou um símbolo religioso. Essa cruz traz uma detalhada história abordada nesta pesquisa com mais

clareza no primeiro capítulo. E comparando essa cruz à citação da história de Nossa Senhora da Piedade, trazida por europeus para o Brasil, quase podemos afirmar que a história permanece. Piacatuba não tem uma imagem de Nossa Senhora entalhada em um madeiro, mas tem a representatividade de uma cruz como símbolo religioso e sagrado, em um distrito junto à crença da sociedade local em Nossa Senhora da Piedade. Assim, a cruz vem atraindo turistas de várias regiões, inclusive turistas de cunho religioso.

A fim de atingir seus objetivos, esta pesquisa utiliza como pressuposto teórico-metodológico os estudos de Gilberto Velho<sup>11</sup> e Cardoso de Oliveira<sup>12</sup>, dentre outros. A divisão em capítulos foi feita da seguinte forma: no primeiro capítulo, discorre-se sobre a fundação e as peculiaridades religiosas de Cataguases, Piacatuba e Leopoldina, cidades ligadas à caminhada, e sobre a peregrinação “Caminhos da Piedade”; no segundo capítulo, o diálogo com os autores vai mostrar que a peregrinação estudada e fortalecida pela literatura já produzida nos meios acadêmicos, o que dá legitimidade às afirmativas sobre a peregrinação em estudo; no terceiro capítulo, destacam-se as entrevistas realizadas com os peregrinos participantes desse ato de fé e resistência corporal, mostrando momentos únicos de cada um deles, desde sua condição física até sua experiência com o lado espiritual; por fim, faz-se uma conclusão com as considerações finais sobre o trabalho, onde a afirmativa de que a movimentação religiosa que a caminhada peregrina produz não é algo que acontece espontaneamente ou isoladamente nos indivíduos da sociedade envolvida. Tudo depende de uma organização, de um planejamento que vem mobilizar ideias no meio das pessoas da região ou outras localidades.

Este estudo veio mostrar que o religioso, o sagrado, impõe condições ao corpo inesperadas e isso é o que move a caminhada por tantos anos.

Deixo claro que esta pesquisa não esgota por si só a abordagem trazida neste estudo. Ela poderá ser acrescentada a cada nova pesquisa que surgir.

---

<sup>11</sup> VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: E. O. NUNES (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978, p. 76.

<sup>12</sup> CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O lugar (e em lugar) do método*. Série Antropologia, 190. Brasília: EDUnB, 1995.

## 1 SOBRE AS CIDADES ENVOLVIDAS NA PEREGRINAÇÃO “CAMINHOS DA PIEDADE”

Este capítulo é dedicado à apresentação de um esboço histórico e principais características das cidades que fazem parte da peregrinação “Caminhos da Piedade”, bem como de um detalhamento sobre a origem e particularidades dessa caminhada.

Num primeiro momento o trabalho vem destacar um pouco da história da peregrinação na Zona da Mata Mineira, mais precisamente em Leopoldina, Cataguases e Piacatuba, cidades e distritos envolvidos por uma única fé em sua credice. Numa segunda abordagem, o texto remete ao apanhado histórico da peregrinação estudada, onde o corpo humano é referência de preocupação e cuidados. Num terceiro momento deste primeiro capítulo a abordagem fica mais precisamente aos dados históricos das cidades de Cataguases e Piacatuba e seus santos padroeiros.

### 1.1 Cataguases

Para que seja possível explicitar essa abordagem, primeiramente farei um apanhado histórico da fundação de Cataguases e Piacatuba. Duas cidades envolvidas nessa pesquisa e que mostram a religiosidade diante da ligação entre suas comunidades através da “caminhada da Piedade”. Também vou citar Leopoldina porque é através de sua fundação que surge o distrito de Piacatuba. A credice existente em tempos contemporâneos tem seguimento deste o tempo de fundação das localidades referidas acima. Assim a história pode mostrar que a fé desenvolve grandes projetos.

Cataguases é um município brasileiro localizado na Zona da Mata Mineira, a 320 km da capital Belo Horizonte/MG. De acordo com o IBGE<sup>13</sup>, em julho de 2015, sua população foi estimada em 74.171 habitantes. Seu território tem uma área de 491,7 km<sup>2</sup>, incluindo a sede municipal e os distritos de Aracati de Minas, Cataguarino, Glória de Cataguases, Sereno e Vista Alegre. Cataguases integra a bacia do Rio Paraíba do Sul, sendo banhado pelo Rio Pomba e seu afluente Ribeirão Meia Pataca. Sua altitude é de 169 metros, possuindo como ponto culminante a altitude de 1.119 metros. O clima é do tipo tropical, com chuvas durante o verão.

---

<sup>13</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2015*. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm)>. Acesso em: 2 mai. 2018.

Dados e fatos importantes comprometem a cidade de Cataguases na participação histórica. A cidade foi palco de participantes locais, que assumiram papel importante na segunda geração do movimento modernista na década de 40. Também participou da história do cinema brasileiro. Segundo o autor Luiz Doria<sup>14</sup>, além de Humberto Mauro, Cataguases teve Eva Nil e Pedro Comello como pioneiros do cinema brasileiro.

O Cine-Teatro Edgard substituiu o Cine-Teatro Recreio, que inspirou Humberto Mauro e Pedro Comello a caminharem e escreverem os seus nomes na história do cinema. O Recreio, construído em 1896, é de estilo eclético. O prédio atual – de 1946 – chama a atenção pelas suas curvas em concreto armado do salão de festas, a fachada com parede inclinada, o mosaico em ladrilhos hidráulicos, os pilares da fachada, as escadarias curvas, o mezanino e o grande vão da plateia mostrando o avanço tecnológico da época. Obra tombada pelo IPHAN em 1994 e projeto de Aldary Henriques Toledo e Carlos Azevedo Leão<sup>15</sup>.

Cataguases também é conhecida pelo polo industrial que desenvolveu e pela Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, conhecida em dias atuais como Grupo Energisa. Esses dois grandes empreendimentos são responsáveis pelo desenvolvimento financeiro da cidade. Cresceram juntos ajustando seu crescimento patrimonial ao desenvolvimento urbano de Cataguases

Foi no período de decadência do ouro na região das Minas Gerais, ao redor de Vila Rica, que os mineiros se viram obrigados a procurar novas jazidas. Foi então que, atraídos por histórias que corriam nas redondezas, eles se aventuraram pela cabeceira do Rio Pomba e do Ribeirão Meia Pataca, chegando ao Vale da Zona da Mata, por volta de 1809. Eles eram seguidos por um grupo de homens que os aquartelavam para evitar o contrabando de pedras e ouro, até que chegaram a um local chamado Porto dos Diamantes, que hoje é Cataguases. Assim, a cidade surgiu como um arraial.

De acordo com Cláudia Cristina Silva, o arraial de Cataguases:

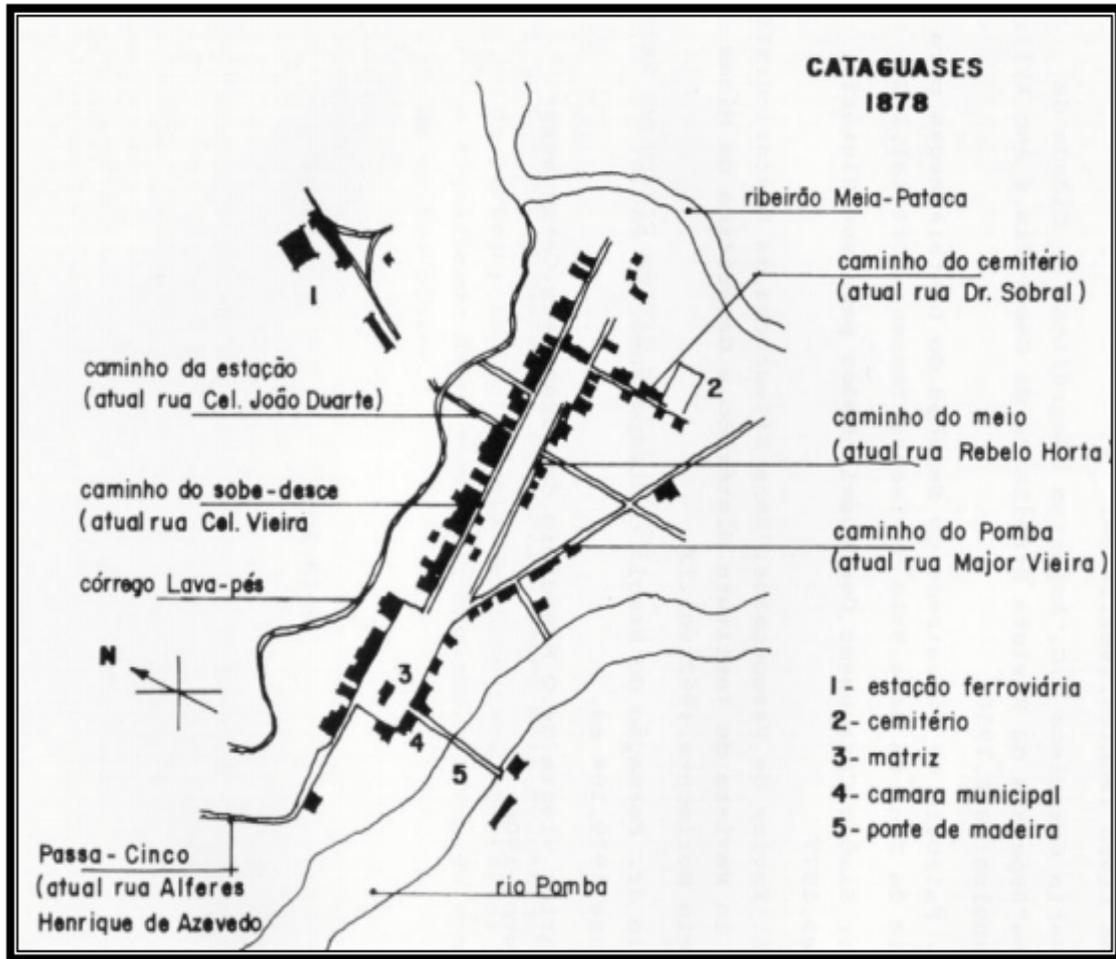
[...] foi fundado pelo Coronel Marliere, sendo elevado à categoria de curato pela Lei provincial n° 209, de 7 de abril de 1841. Mais tarde passou a distrito e foi denominado de Santa Rita de Meia Pataca, pela Lei n° 534 de 10 de outubro de 1851 da Assembleia Provincial mineira. Em 25 de novembro de 1875 a Lei de n° 2180 da mesma Assembleia criou o Município de Cataguases, com território desmembrado dos de Leopoldina, Muriaé (ex-São Paulo do Muriaé) e Ubá. Foi assim que às margens do Rio Pomba o coronel francês impulsionou a formação de um povoado que se tornaria Vila de Cataguases inaugurada em 7 de setembro de 1877, povoado com influência conservadora e prestígio tradicional<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> DORIA, Luiz Antônio. Cataguases, a Princesinha da Zona da Mata. Disponível em: <<http://www.rdvetc.com/2011/cataguases-a-princesinha-da-zona-da-mata>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

<sup>15</sup> DORIA, 2011, p. 5.

<sup>16</sup> SILVA, 2009, p. 35.

Figura 1 – Esboço urbano de Cataguases em 1878



Fonte: Mergarejo Netto<sup>17</sup>.

Antes mesmo de se formar o povoado Porto dos Diamantes, os padres se estabeleciam nessas terras para trabalhar com catequese indígena. Eles tinham um contato diário com os índios Caropós, coroados, puris, que habitavam a atual região. Os padres ergueram, na atual Praça Santa Rita, uma pequenina capela coberta de sapé, onde pronunciavam a fé católica. Um dos primeiros habitantes dessas terras, Alferes Henriques José de Azevedo, apoiou os padres e Guido Thomaz Marliere, que chegou em 1828, lançando seus fundamentos. Depois de receber uma doação de terrenos feita pelo Alferes Henrique de Azevedo, Marliere ergueu uma capela na Praça Santa Rita, o que foi feito debaixo de uma invocação de Santa Rita de Cássia, filial da Matriz de São Batista do Presídio, hoje, cidade de Visconde do Rio Branco<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Mergarejo Netto, Marcos. *Cultura e espaço em Cataguases*. 2002. 83f. – Instituto de Geociência da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

<sup>18</sup> Santuário de Santa Rita de Cássia. *Um pouco de história*. 27 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://santuariosantaritacataguases.blogspot.com/2013/09/>>. Acesso em: 3 set. 2018.

A fundação da cidade, então, se deu a partir da construção da Paróquia de Santa Rita do Meia Pataca, em 10 de outubro de 1851, pela Lei Mineira nº 534, sob a jurisdição da Matriz São Januário de Ubá. O projeto inicial da Igreja baseou-se no estilo neogótico, criado por Agostinho Horta Barbosa, em 1893.

Figura 2 – Primeira fachada em estilo gótico da Igreja de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG



Fonte: Arquivo Público da cidade de Cataguases.<sup>19</sup>

Em 1907, a Igreja apresentava grandes abalos em sua estrutura. Então, o Monsenhor Luiz Pereira Gonçalves Araújo reuniu uma comissão para angariar recursos para a execução da obra, que foi realizada em 1909. Em 1942, a igreja precisou passar por outra reforma. Em 1944, uma pedra fundamental foi lançada na Nova Igreja de Santa Rita de Cássia e outra reforma teve início em 1948, sendo concluída em 1968. Edgar Guimarães do Vale, contemporâneo da Segunda Guerra Mundial, assinou esse projeto, que seguiu o estilo moderno. O templo, então, foi reformado em formato de um avião que havia perdido uma de suas asas em bombardeio, sendo envolvido por uma abóbada, que se afunila desde a fachada até o presbitério, onde se encontra o altar de pedra mármore, sob um baldaquino revestido de granito. Sua única torre tem 30 metros de altura, em formato ogival, semelhante a um torpedo.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/capas.php>>. Acesso em: 02 maio 2018.

Figura 3 – Fachada e interior do Santuário de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG



Fonte: Acervo pessoal.

A fachada traz uma decoração em azulejos, obra da pintora Djanira, intitulada “A vida de Santa Rita”. Em seu interior, há uma recente pintura doada pela artista plástica local Nanzita. A obra representa os passos da Via Crucis, em estilo completamente expressionista. Em 1996, a Igreja foi elevada à condição de Santuário, através de uma solenidade presidida pelo bispo Dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho, da Diocese de Leopoldina à época<sup>20</sup>.

Figura 4 – Pintura expressionista da Via Crucis no interior do Santuário de Santa Rita de Cássia, em Cataguases/MG



Fonte: Acervo pessoal.

<sup>20</sup> MATTOS, Ricardo Quinteiro. *História de Cataguases*. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/cidade/cataguases/historia/>>. Acesso em: 1 maio 2018.

De acordo com o historiador local Ricardo Quinteiro Mattos:

Cataguases entrou no séc. XX sendo considerada, juntamente com a cidade de Belo Horizonte e de São Paulo, um dos centros culturais de referência da vanguarda nacional. Paralelamente a realização da semana de arte moderna, em 1922, o modernismo invadia Cataguases, inicialmente com a literatura e cinema. [...] Na segunda onda do modernismo vieram a arquitetura, a escultura, a pintura e a música. No final da década de 40, foi introduzido em nosso espaço urbano, um dos primeiros projetos residenciais elaborado por Oscar Niemeyer. Pela cidade espalharam-se painéis, jardins e monumentos assinados por artistas consagrados como Cândido Portinari, Burle Marx, Jan Zach, Djanira e Bologna entre outros. Esse conjunto de obras está bem conservado e pode ser apreciado por quem visita a cidade. Apesar de toda a inovação do séc. XXI que está sendo introduzida em nosso Município, conservamos bem o nosso patrimônio<sup>21</sup>.

Atualmente, os romeiros saem de Cataguases para chegar à Piacatuba, próxima cidade a ser apresentada neste capítulo.

## 1.2 Piacatuba

Piacatuba, que anteriormente foi chamada de Curato de Nossa Senhora da Piedade, pertence ao município de Leopoldina/MG. Inaugurada no dia 3 de maio de 1852, suas origens coincidem com o marco histórico do povoamento da região da Zona da Mata Mineira. Com acesso tanto pela rodovia quanto pela estrada rural, Piacatuba está entre Cataguases e Leopoldina. Em seu território, localiza-se a Usina Hidrelétrica Maurício, construída no Rio Novo entre 1906 e 1908<sup>22</sup>.

Conta-se que, em 23 de agosto de 1844, um fazendeiro chamado Domingos de Oliveira Alves fez uma doação de terras para a construção de um patrimônio sob a proteção de Nossa Senhora da Piedade, sendo erguida uma capela, que teve sua obra concluída em 1850. Foi, então, formado o curato<sup>23</sup> de Nossa Senhora da Piedade. No dia 10 de outubro de 1851, a partir da Lei nº 533, o distrito de Nossa Senhora da Piedade foi criado, sendo subordinado ao município de Mar de Espanha. Em 1854, esse mesmo distrito foi transferido para o município de Leopoldina, sob a Lei nº 666. Em 1º de dezembro de 1873, a Lei nº 2027 criou a Paróquia da Piedade. No entanto, somente em 1889, mais precisamente no dia 17 de setembro, que a localidade foi elevada à freguesia de Leopoldina, com o nome de Piedade da

<sup>21</sup> MATTOS, Ricardo Quinteiro. *História de Cataguases*. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricasde.minas.com.br/cidade/cataguases/historia/>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

<sup>22</sup> IBGE. 2018.

<sup>23</sup> Curato é um termo de origem religiosa que antigamente era usado antigamente para designar povoados com condições para se tornar um distrito de um município.

Leopoldina, sob a Lei nº 3798. A adoção do nome de Piacatuba ocorreu mais tarde, no dia 7 de setembro de 1923, pela Lei Estadual nº 843<sup>24</sup>.

Piacatuba tem como padroeira Nossa Senhora da Piedade. Conta-se que a origem dessa santa é uma imagem da Virgem Maria inspirada na famosa obra de arte “Pietà”, de Michelangelo, e em Nossa Senhora das Dores. Considera-se que essa imagem “fala” pela força de sua expressão artística. A imagem de Nossa Senhora com seu filho Jesus, morto, em seus braços, remete à análise de um momento muito específico de dor e sofrimento logo após a morte de Jesus na Cruz. Essa imagem retrata o sacrifício da salvação e a dor da mãe, que oferece seu filho para a salvação do mundo. Até os dias de hoje, essa dor de Maria representa a dor das mães que sofrem a perda de seus filhos.

Figura 5 – Imagem de Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Cruz Terra Santa<sup>25</sup>

<sup>24</sup> IBGE, 2018, p. 119.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-piedade/384/102/>>. Acesso em: 02 maio 2018.

Em Portugal, encontra-se a representação mais antiga de Nossa Senhora da Piedade – também conhecida como Nossa Senhora da Piedade da Merceana – uma obra pintada em madeira, fixada em uma das várias capelas na cidade de Lisboa, mais precisamente no claustro da Sé. Essa pintura pertencia a uma antiga Irmandade, que tinha por missão enterrar os mortos, além de consolar e visitar presidiários, inclusive acompanhá-los até a morte. Durante muitos séculos, foi a representatividade emblemática das Santas Casas de Misericórdia portuguesas. Conta-se que a imagem apareceu no tronco de uma árvore, por volta do século XII, em Portugal. Conta a história que um camponês observou que seus bois se afastavam sempre no mesmo horário e iam em direção ao campo. Para entender o que estava acontecendo, ele se juntou a outros camponeses e eles seguiram os animais, que, para surpresa de todos, dirigiam-se a uma Carvalheira e se ajoelhavam diante de uma imagem que se formava no tronco da árvore. Mais tarde, aquela comunidade construiu ali uma capela em homenagem a essa Nossa Senhora<sup>26</sup>.

É possível que tenha sido através desse culto que Nossa Senhora da Piedade chegou ao Brasil, mais precisamente em Guaratinguetá (onde é padroeira), local de parada dos bandeirantes que seguiam rumo a Minas Gerais. O trajeto feito pelos bandeirantes saía próximo de Caeté e Belo Horizonte, onde ainda existe um santuário dedicado à Nossa Senhora da Piedade. A imagem presente nesse santuário é de madeira, e sua festa comemorativa acontece em 15 de setembro, um dia após a festa de Exaltação da Santa Cruz, outra comemoração religiosa.

Na única praça de Piacatuba, existe uma cruz construída por escravos que se tornou um símbolo religioso e sagrado, e que vem atraindo turistas de várias regiões. Foi em 1844 que um capitão chamado Domingos de Oliveira Alves doou uma porção de terras onde deveria ser instalado um povoado que receberia o nome da padroeira a qual ele estava cumprindo uma promessa, Nossa Senhora da Piedade. Então, aconteceu a demarcação de uma área, e o capitão Domingos mandou erguer uma cruz de madeira em sinal da fé professada no local. Porém, outro fazendeiro reivindicava a posse daquela terra. Conta a oralidade local que a cruz do capitão Domingos havia sido profanada a mando do outro fazendeiro, mas ela teria resistido às escavações, ao machado e ao fogo.

---

<sup>26</sup> História de Nossa Senhora da Piedade. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-piedade/384/102/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

Figura 6 – Monumento histórico-religioso da Cruz Queimada, em Piacatuba/MG

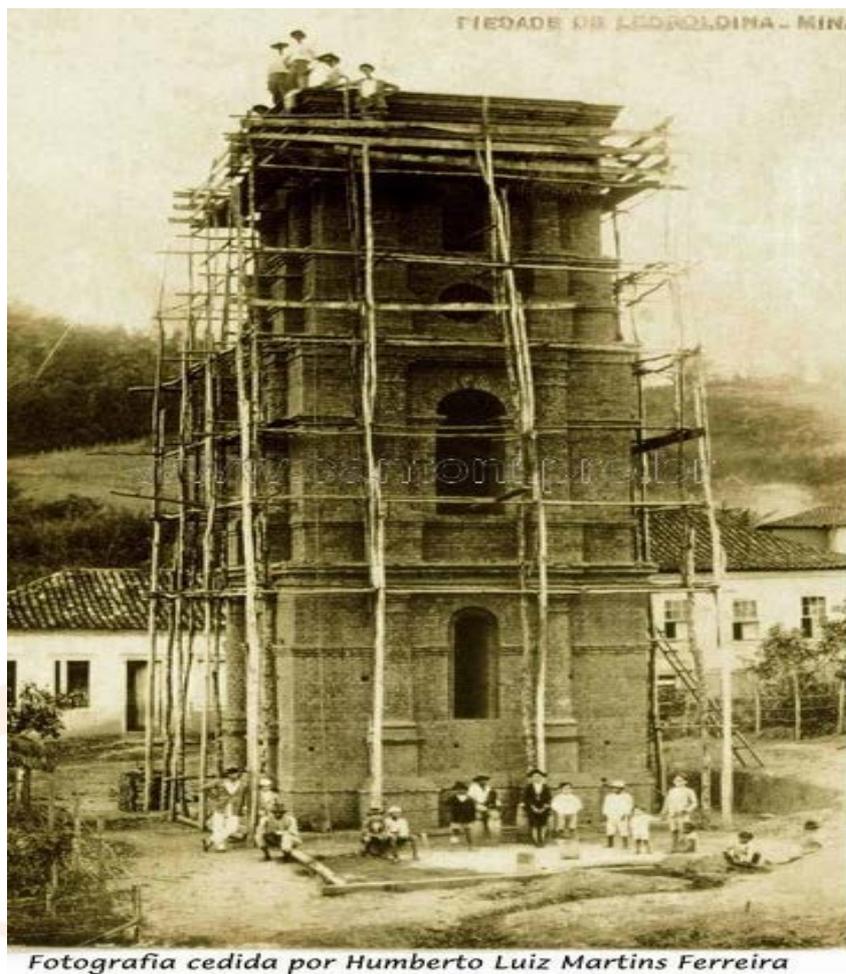


Fonte: Acervo pessoal.

A história da cruz queimada em Piacatuba é tão marcante, que, em 1910, o coronel Joaquim Fajardo de Mello Campos, importante produtor rural e chefe político na região, resolveu reunir fundos para erguer uma capela para abrigar a cruz. A Torre da Cruz Queimada foi feita em estilo eclético, tendendo ao neoclássico, e contém três pavimentos com cerca de 12 metros de altura para guardar a cruz original<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> ALVIM, Plínio Fajardo. Torre da Cruz Queimada em Piacatuba. *Leopoldinense*. 20 abr. 2014. Disponível em: <<http://leopoldinense.com.br/coluna/30/torre-da-cruz-queimada-de-piacatuba>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

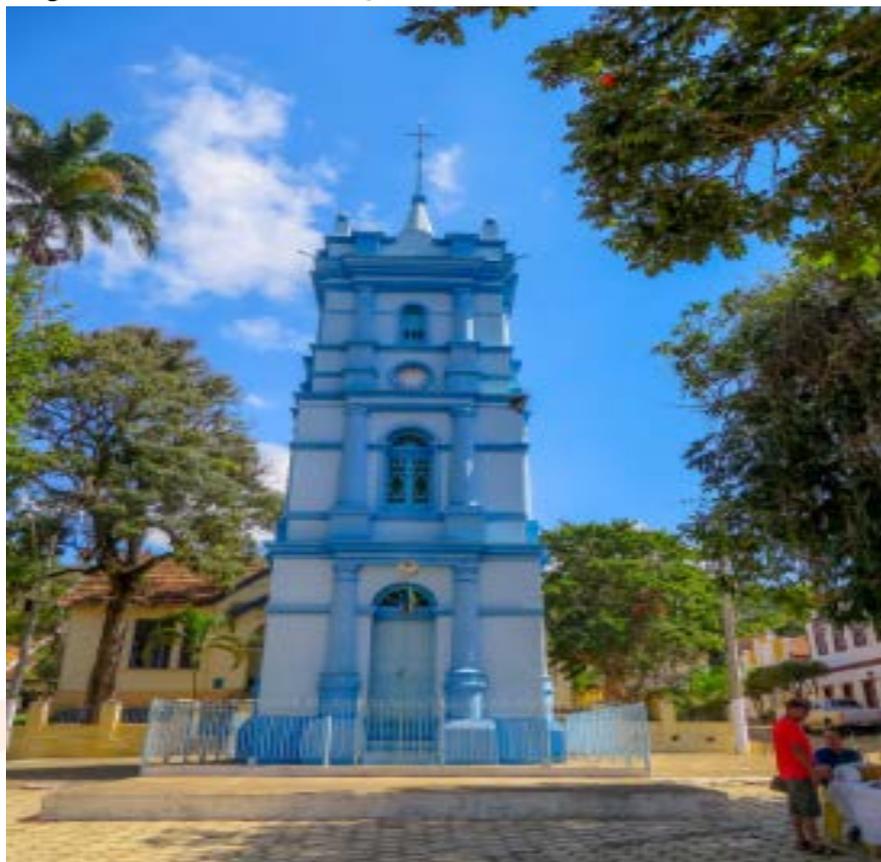
Figura 7 – Construção da torre da Cruz Queimada, em Piacatuba/MG



Fonte: ALVIM, Plinio Fajardo<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Torre da Cruz Queimada em Piacatuba. *Leopoldinense*. 20 abr. 2014. Disponível em: <<http://leopoldinense.com.br/coluna/30/torre-da-cruz-queimada-de-piacatuba>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

Figura 8 – Torre da Cruz Queimada atualmente, em Piacatuba/MG



Fonte: Acervo pessoal.

Alvim descreve detalhadamente a história de Piacatuba:

[...] a luta pela posse de terras virgens na bacia do rio Pardo, entre duas famílias, foi um dos fatores do surgimento de Piacatuba, outrora chamada Piedade de Leopoldina, na primeira metade do século XIX. Uma gleba de terras foi doada, no dia 23 de agosto de 1844, pelo Capitão Domingos de Oliveira Alves, onde deveria ser instalada uma povoação, cuja padroeira seria Nossa Senhora da Piedade. Uma tosca cruz, com cinco ou seis metros de altura, foi colocada como demarcação da área doada. Para facilitar o trabalho a cruz foi fincada em terreno bastante arenoso. Entretanto, um outro fazendeiro reivindicava a posse daquelas terras e, inconformado com a demarcação, ordenou que a cruz fosse derrubada. Ele mandou que seus escravos escavassem ao pé da cruz, mas ela não se desprendia da terra. Irritado, o homem mandou que a cortassem em pedaços, mas os machados manejados pelos escravos, habituados com esse labor, nada conseguiram. O fazendeiro desconfiou de que estava acontecendo alguma coisa inexplicável e mandou que fosse feita uma grande fogueira, em torno da cruz. Os escravos juntaram lenha e gravetos e atearam fogo para queimá-la. Satisfeito, o senhor reuniu os cativos e regressou à sua fazenda. Durante toda a noite, o fogo ardeu sem parar. Na manhã seguinte, um dos escravos notou que esquecera a foice onde fizeram a fogueira e foi buscá-la. Ao se aproximar, a cruz continuava em pé, somente chamuscada, mas imponente. Diz-se, no lugar, que todos os homens que tentaram destruir a cruz foram castigados – doenças terríveis os acometeram e alguns tiveram morte trágica. Por esse motivo, o nome Santa Cruz Queimada transformou-se em símbolo religioso e local de peregrinação. É raro o habitante da Zona da Mata mineira que não tenha ouvido falar da principal atração do distrito de Piacatuba, em

Leopoldina. Muitos devotos saem de longe, levando suas dádivas, em cumprimento a promessas atendidas<sup>29</sup>.

Como se vê, o culto religioso vem sendo repassado e permanecido de geração em geração. Além disso, Piacatuba tem se tornado uma atração turística, devido aos seus restaurantes, à sua beleza rústica, à sua natureza exuberante e à sua história, preservada através de suas casas e ruas, que foram construídas por escravos.

### 1.3 Leopoldina

A cidade de Leopoldina foi assim nomeada em homenagem à princesa Leopoldina de Bragança e Bourbon, filha do Imperador D. Pedro II. Seu mapeamento político é formado pela cidade-sede – Leopoldina –, e pelos distritos de Piacatuba, Providência, Ribeiro Junqueira e Tebas. À época do auge do café, Leopoldina foi uma das mais importantes localidades da antiga província de Minas Gerais. Com a crise de 1929, teve sua economia orientada pela pecuária leiteira. Atualmente, o comércio e a indústria de pequeno porte são suas principais atividades econômicas<sup>30</sup>.

Leopoldina localiza-se à sudeste da capital Belo Horizonte, distanciando-se desta por 322 km e estando a 1.077 km de Brasília, capital federal. Sua população estimada está em aproximadamente 55.540 habitantes. Ocupa uma área de 943 km<sup>2</sup>, representando 0,161% do Estado de Minas Gerais, 0,102% da região sudeste, e 0,011% de todo o território brasileiro. O município foi emancipado politicamente no ano de 1854. Sua temperatura média anual é de 21°, sua vegetação é predominantemente de Mata Atlântica e seu índice de desenvolvimento urbano é considerado alto diante de regiões circunvizinhas<sup>31</sup>.

Leopoldina conta também com obras atrativas como a Catedral de São Sebastião, o Museu Espaço dos Anjos, o Museu de Eletricidade, o Reservatório da Usina Maurício e o Morro do Cruzeiro. Alguns eventos que acontecem em Leopoldina atraem populações de vários lugares. Anualmente, ocorrem a Feira da Paz, organizada pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Leopoldina; uma exposição agropecuária e industrial, com shows de artistas famosos; e o tradicional Festival de Gastronomia de Piacatuba, já famoso em boa parte do Brasil.

---

<sup>29</sup> ALVIM, 2014.

<sup>30</sup> IBGE, 2018, p. 118.

<sup>31</sup> IBGE, 2018, p. 118.

#### 1.4 Contexto histórico da peregrinação “Caminhos da Piedade”

A cidade de Cataguases possui grande representação religiosa católica, com vários trabalhos comunitários realizados em diversas pastorais. Juntou-se a esse contexto a prática de uma peregrinação já existente em Leopoldina<sup>32</sup>. O padre Jorge Luiz Passon<sup>33</sup>, hoje, pároco de Leopoldina, iniciou uma peregrinação depois de ser detectado um número representativo de homicídios na cidade. A desova dos corpos era realizada no cruzeiro, marco histórico da fundação da cidade de Leopoldina. Então, o padre teve a ideia de fazer uma peregrinação do centro da cidade até o cruzeiro, percorrendo aproximadamente 9 km. O trajeto foi escolhido para que o cruzeiro deixasse de ser um ponto isolado e propício para a desova dos corpos assassinados. Depois, surgiu a ideia de fazer uma caminhada da Igreja do Rosário até o cruzeiro e realizar a missa lá. Três paróquias participaram desse movimento. Já logo no primeiro ano, uma multidão compareceu e, hoje, há uma enorme participação popular. Essa peregrinação, que era uma caminhada penitencial, recebeu, então, o nome de “Caminhada da Misericórdia”.

Assim, o chamado Morro do Cruzeiro, criado na passagem de 1800 para 1900, tornou-se símbolo de defesa da vida e um ponto turístico da cidade. No Brasil inteiro, foram colocados cruzeiros para celebrar a passagem do século, porque as pessoas temiam muito esse acontecimento. O cruzeiro era um marco do novo século que se iniciava e sempre foi visto como um espaço religioso.

Depois de várias caminhadas realizadas em Leopoldina, o padre Jorge se mudou para o Santuário de Santa Rita de Cássia, em Cataguases. Nesse momento, ele propôs que a caminhada passasse a ser de Cataguases a Piacatuba, por conta da história da cruz queimada, emblema dessa cidade. O padre Edison, atuante na Igreja de São José Operário, em Cataguases, acolheu essa ideia, que foi colocada em prática sem maiores complicações. E, assim, nasceu a peregrinação “Caminhos da Piedade”, que teve sua primeira edição em setembro de 2013.

---

<sup>32</sup> Em 1813, foram doadas as primeiras sesmarias no território do atual município de Leopoldina. Em 1831, foi criado o distrito de São Sebastião do Feijão Cru, pertencente ao município de São Manuel do Pomba, atual Rio Pomba. Em 1851, o distrito foi transferido para o município de Mar de Espanha, o qual se emancipou pela Lei Provincial nº 666, de 27 de abril de 1854, criando o município de Vila Leopoldina. A formação da vila começou em torno da praça do Rosário, a partir da qual saíam as ruas existentes hoje na cidade. O município teve sua emancipação política em 1854. Seu nome é uma homenagem à princesa Leopoldina de Bragança e Bourbon, filha do Imperador D. Pedro II. Disponível em: <<https://leopoldinense.com.br/conteudo/275/historia>>. Acesso em: 02 maio 2018.

<sup>33</sup> Atualmente, pároco no Santuário de Santa Rita de Cássia, brasileiro, ordenado padre no ano de 1984, na cidade de Guidoal/MG.

Observa-se que, desde a sua fundação, Cataguases está voltada para a espiritualidade e a fé. Independentemente da religião, é possível encontrar lá e em cidades circunvizinhas pessoas com um propósito religioso de vivenciar, dia após dia, sua fé cristã. O padre organizador da peregrinação “Caminhos da Piedade”, em entrevista para este estudo, afirmou que, depois da primeira caminhada de Cataguases até Piacatuba, expandiu-se a ideia de caminhadas de cunho religioso pela região. Aconteceram caminhadas n Aracati, no distrito do Glória, em Vista Alegre, dentre outras localidades.

Vale destacar que o propósito da peregrinação “Caminhos da Piedade” era abranger a religiosidade, mas também tocar no que diz respeito à saúde da comunidade. Buscava-se movimentar as pessoas, dar a elas um estímulo, fazer um tipo de movimento que abordasse a questão da saúde. O padre, então, pensou em promover um evento em que boa parte da comunidade local ficasse interessada em participar e que isso tivesse alguma representatividade em suas vidas.

Na entrevista, o padre falou sobre o que o motivou a propor a caminhada:

[...] na origem era a devoção da piedade, da Nossa Senhora da Piedade, que a data escolhida em meados do mês de setembro é a exaltação da santa cruz, sempre celebrava por esses dias. Piacatuba é um distrito de Leopoldina que conseguiu sobreviver diante de muitas dificuldades, historicamente e de administração. Muitas coisas históricas, como por exemplo a igreja, que é bem preservada, bem conservada, tem lá a história da Cruz Queimada que é uma devoção muito interessante para Piacatuba. Tem também a rua das pedras. Então é uma cidade que manteve bem sua tradição, é um distrito que se tornou um ponto turístico, e nós unimos essas ideias, o turismo, a ecologia, a saúde, e a devoção para dar movimento a estas comunidades envolvidas<sup>34</sup>.

Após a participação na primeira caminhada, muitas pessoas voltam na próxima como forma de agradecimento por ter conseguido fazer parte da caminhada anterior, ou mesmo por tê-la concluída por inteiro. Além da fé, é preciso força de vontade para fazer o trajeto completo andando. Há pessoas que não conseguem por algum motivo, como cansaço e dores causadas por sapatos inadequados, idade etc. Alguns, que têm um preparo físico melhor, passam pelos outros e dizem que vão chegar primeiro, mas o objetivo é chegar, não apostar uma corrida. O momento é para apreciar a natureza, ver as belezas criadas por Deus, ter seu momento próprio de reflexão. Pensando dessa maneira, muitos caminhantes relatam que, no decorrer da caminhada, eles têm seu próprio “deserto”. Isso, sim, é considerado uma boa caminhada.

---

<sup>34</sup> O Pe. Jorge Luiz Passon atualmente é pároco no Santuário de Santa Rita de Cássia. Ele é brasileiro e ordenado padre no ano de 1984, na cidade de Guidoal/MG.

### 1.5 Santos protetores e o valor da religiosidade na região

Em se tratando de Cataguases e Piacatuba, interior de MG, temos dois santos protetores que se diferenciam em seu histórico religioso e que manifestam na população local uma religiosidade interiorana, mas fervorosa.

A padroeira de Cataguases é Santa Rita de Cássia. Seu contexto histórico-religioso diz que ela era filha única, nascida em maio de 1381, nas montanhas de Roccaporena, perto de Cássia, região da Úmbria, Itália. Era filha de Antônio Mancini e de Amata Ferri, casal de muita oração e do qual todos gostavam. Eles não sabiam ler, nem escrever, mas ensinaram à filha tudo sobre a fé em Jesus e Nossa Senhora, e contavam a ela histórias da vida de muitos santos e santas, o que contribuiu muito para a sua formação. Santa Rita de Cássia queria ser religiosa, mas seus pais escolheram para ela um marido, como era costume à época. O marido escolhido foi Paolo Ferdinando, mas ele não foi uma boa escolha, pois era infiel no matrimônio e tinha o hábito de beber demais. Por causa dele, Rita sofreu por 18 anos, período em que foi casada. Eles tiveram dois filhos. Durante o tempo de casada, Rita demonstrou muita paciência e resignação por tudo que sofreu. Após ficar viúva, ela entrou para um convento e dedicou-se apenas à vida religiosa, até ser canonizada pela igreja católica.

Figura 9 – Imagem de Santa Rita de Cássia



Fonte: Santos Católicos<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: <[https://pt.santoscatolicos/santa/Rita\\_de\\_Cassia](https://pt.santoscatolicos/santa/Rita_de_Cassia)>. Acesso em: 02 maio 2018.

De acordo com Pierre Sanchis<sup>36</sup>, o “santo” é um mediador no contexto das romarias, reverenciar um santo é o que faz com que as pessoas se desloquem de um lugar a outro, se movimentem por relíquias sagradas, por restos mortais etc. É essa vivência e presença, em algum período do tempo, que determinam o local “santo” ou “sagrado”. Foi, é e sempre será através dessa credence religiosa que romarias como a “Caminhada da Piedade” e outras formas de demonstrar a fé nunca sairão da vida de fiéis. É uma forma única de demonstrar a crença, mostrar o profano e o culto aos santos protetores.

Foi, é e sempre será através dessa credence religiosa que romarias como a caminhada da Piedade e outras formas de demonstrar a fé nunca sairão da vida de fieis. Uma forma única de demonstrar a crença, mostrar o profano, o culto aos santos protetores.

Quando se fala em peregrinação, uma das primeiras coisas a se pensar é qual o sentido desta. Além dessa questão, outras surgem ao longo da abordagem do tema, tais como suas origens, qual a diferença com a romaria, e o como ela é tratada no meio acadêmico como objeto de estudo.

Quando se fala em peregrinação, é preciso questionar: Qual é o seu sentido? Quais são suas origens? E o que a difere da romaria? Sobre a origem da peregrinação, Sandra Carneiro<sup>37</sup> afirma que há muitos motivos que fazem com que as pessoas se desloquem para um lugar santo: algumas pessoas o fazem como um modo de expiar suas culpas; outras, para o cumprimento de uma promessa; e outras, como uma forma de agradecimento devido à alguma enfermidade ou graça alcançada. Algumas pessoas também se lançam como peregrinos “substitutos”, isto é, cumprem uma peregrinação no lugar de outra pessoa, sendo este vivo ou morto, não somente por dinheiro, mas também como forma de salvar a alma do morto. Segundo Robert Hertz<sup>38</sup>, existem documentos históricos que fazem referência a “peregrinos de aluguel”, que herdaram a tarefa, de geração a geração”<sup>39</sup>.

Sanchis<sup>40</sup> propõe uma distinção entre romaria e peregrinação. Para ele, romaria seria uma “manifestação religiosa complexa e atavicamente popular, orientada para uma ‘sacralização’ da existência humana na sua própria dimensão profana”<sup>41</sup>; e a peregrinação

<sup>36</sup> SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências sociais e religião*, Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

<sup>37</sup> CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. *Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>38</sup> HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, São Paulo, n. 6, p. 99-128, 1980.

<sup>39</sup> CARNEIRO, 2003, p. 57.

<sup>40</sup> SANCHIS, 2006, p. 99.

<sup>41</sup> SANCHIS, 2006, p. 102.

seria uma “transfiguração ‘sacramental’ desta existência, sublimada através dos ritos eclesiais oficiais”<sup>42</sup>.

Já para Mauss<sup>43</sup>, a romaria pode ser pensada como um fato social total, por abranger diversas dimensões da vida social. Por volta dos anos de 1920, a romaria era pouco controlada pela Igreja, o que fez com que alguns aspectos da vida profana se tornassem seus elementos constituintes, como dança, comida, bebida, festas e, até mesmo, sexo e violência.

Émile Durkheim<sup>44</sup> assinala a efervescência das festas religiosas:

É por isso que a ideia mesmo de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, mesmo que puramente leiga por sua origem, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes, até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, também há cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas. Não, é claro, que não haja motivos para diferenciar essas duas formas de atividade pública. O simples regozijo, o corrobóri, profano não visa nada de sério, ao passo que, em seu conjunto, uma cerimônia ritual sempre tem um objetivo grave. Mas é preciso observar que talvez não haja regozijo no qual a vida séria não tenha algum eco. No fundo, a diferença está, antes, na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos se combinam<sup>45</sup>.

No decorrer da “Caminhada da Piedade”, foi possível observar muito do que os autores afirmaram acima. Cataguases e Piacatuba não se diferem de tantos outros lugares, pelo contrário, mesmo na pequenez do interior territorial, este trabalho vem mostrar a presença firme e marcante da religiosidade.

## 1.6 Os preparativos para a caminhada “Caminhos da Piedade”

A peregrinação “Caminhos da Piedade” é pensada e organizada por um período de um ano. Todos os detalhes ou possíveis erros ocorridos na caminhada anterior tornam-se aprendizados e melhorias para a próxima. A preparação de tudo vai desde a escolha da cor da

<sup>42</sup> SANCHIS, 2006, p. 103.

<sup>43</sup> MAUSS, 2003, p. 120.

<sup>44</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1996, p. 75.

<sup>45</sup> DURKHEIM, 1996, p. 79.

camisa que será usada pelos peregrinos participantes até outros detalhes capazes de proporcionar a todos a melhor vivência possível.

Figura 10 – Logotipo da camisa da peregrinação “Caminhos da Piedade” em 2018



Fonte: Santuário de Santa Rita de Cássia em Cataguases.<sup>46</sup>

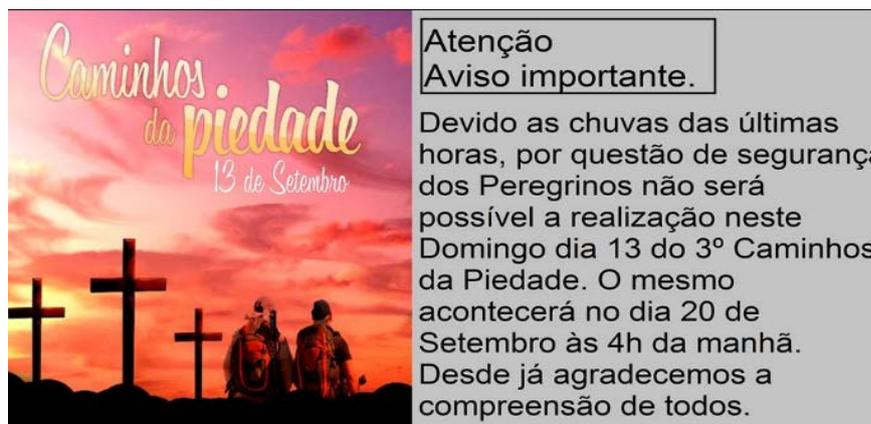
As pessoas colaboradoras ligadas diretamente ao Padre Jorge Luiz Passon trabalham durante todo o ano para que tudo transcorra da melhor maneira possível. Há os voluntários com seus veículos; os que vão com lanternas no trecho de asfalto, da saída de Cataguases até a entrada da estrada rural rumo à Piacatuba; tem a equipe de militares, que se compromete a manter o público em meia pista na rodovia; e a ambulância, cedida pelo órgão público da cidade de Cataguases.

Poucas semanas antes da realização da caminhada, é vista a previsão do tempo. Uma vez, foi preciso adiá-la devido às chuvas. Os avisos aos peregrinos são feitos por meio das redes sociais, que facilitam o acesso às informações mais rapidamente. Além disso, tanto na secretaria da Igreja São José quanto na secretaria do Santuário de Santa Rita de Cássia as informações são passadas a todos que precisarem. No Santuário de Santa Rita, também são vendidas as camisas, que são entregues apenas na semana da caminhada.

Durante o período preparatório a equipe trabalha incessantemente. Poucas semanas antes é visto a previsão do tempo. Já tivemos ano de adiarem a caminhada devido às chuvas. Esses avisos ocorrem nas redes sociais visto que hoje já se tem muita rapidez em espalhar as notícias. Também tem a secretaria das duas Paróquias que tem seus Párocos como auxiliares espirituais na caminhada. Tanto na secretaria da Igreja São José quanto na secretaria do Santuário de Santa Rita de Cássia as informações são passadas a todos que precisarem.

<sup>46</sup> SANTUÁRIO, Santa Rita de Cássia. Disponível em: <<http://twixar.me/x181>>. Acesso em: 02 maio 2018.

Figura 11 – Divulgação nas redes sociais da transferência do dia da terceira caminhada devido às chuvas, em 2015



Fonte: Santuário de Santa Rita de Cássia em Cataguases.<sup>47</sup>

Exatamente uma semana antes, a equipe organizadora faz uma caminhada teste onde observam todos os detalhes da estrada. Fazem o mesmo percurso andando a pé, um carro os acompanha e de trecho em trecho eles entram no carro e saem para observar tudo na estrada. Observam e conversam a respeito do número de banheiros químicos, observam pelo tempo se vai dar para passar outros carros de apoio, passar a ambulância. Fazem uma caminhada antecipada, essa é a verdade, mas tudo para que a caminhada peregrina transcorra na mais perfeita ordem. Sabem que sempre acontecem imprevisto, mas sabe-se também que até o ano de 2018 não se tem relatos de nada grave envolvendo os peregrinos unidos em “Caminhos da Piedade”.

#### 1.6.1 A identificação da caminhada por meio das cores

Essa peregrinação teve sua sexta edição em 2018. A divulgação é feita por meio de propagandas e anúncios, para impulsionar os peregrinos em mais uma jornada de fé.

<sup>47</sup> SANTUÁRIO, Santa Rita de Cássia..

Figura 12 – Padre Passon e seu auxiliar fazendo a propaganda da 6ª peregrinação “Caminhos da Piedade – 2018”



Fonte: Santuário de Santa Rita de Cássia em Cataguases.<sup>48</sup>

Para identificar cada caminhada, a cada ano, faz-se uma camisa com cor diferente. Mesmo com essa atualização de cores, ninguém é obrigado a participar com a camisa do ano. Muitos peregrinos caminham com outras camisas, independentemente de ser a atual ou não.

Figura 13 – Padre Jorge Luiz Passon mostrando as várias camisas que identificaram cada caminhada



Fonte: Santuário de Santa Rita de Cássia em Cataguases.<sup>49</sup>

<sup>48</sup> SANTUÁRIO, Santa Rita de Cássia.

O uso da camisa não é apenas uma forma de identificar os peregrinos, mas também uma maneira que os organizadores encontraram de receber uma colaboração. Ao fazer a inscrição para a caminhada, as pessoas encomendam uma camisa e o valor cobrado é usado para pagá-la, além de ajudar nas despesas com frutas, no atendimento durante a caminhada, no transporte para o retorno, nos banheiros químicos e nos carros de apoio, que vão, ao longo do trajeto, fazendo o auxílio necessário e transportando quem não consegue concluir a caminhada.

Figura 14 – Um dos carros de apoio para a peregrinação “Caminhos da Piedade”



Fonte: Acervo pessoal.

Existe um sistema de transporte através de ônibus locado pela organização, onde os peregrinos que estão com a camisa atual tem transporte para retornar a Cataguases. No ônibus só volta quem está com a camisa atual. Mas o restante do atendimento, banheiro químico ao longo do percurso, as frutas servidos no caminho, todos podem usufruir. Sem contar que o preço da camisa não é de alto custo. É preço de mercado. Por ser quantidade consegue-se por um custo menor ajudando na compra de frutas e pagando outras despesas.

Figura 15 – Uso de banheiros químicos durante a caminhada, em 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 16 – Entrega das frutas nas paradas programadas, em 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Ao final de todas as caminhadas, o que sobrou de recurso financeiro da venda das camisas, é revertido em cestas básicas e fralda geriátrica para doação a instituições da cidade de Cataguases. Essas doações são muito bem entregues a famílias que necessitam, para que possam suprir suas despesas do lar.

Figura 17 – Doações após a peregrinação, em 2017



Fonte: Santuário de Santa Rita de Cássia em Cataguases.<sup>50</sup>

### 1.6.2 A resistência do corpo humano na caminhada

A ideia de se pensar numa caminhada peregrina veio pelo fato já mencionado onde pessoas influentes na cidade de Cataguases, como Padre Passon, percebeu uma cidade sem movimentos que o levassem a projetar novos rumos, fosse na fé, na vida espiritual, no desenvolvimento corporal ou coisa parecida.

Foi através da caminha “Caminhos da Piedade” que um sentimento de preparo físico veio à mente de milhares de pessoas de variadas idades.

As pessoas influenciadas ou incentivadas a fazer a caminhada peregrina se sentiam e sentem porque a caminhada não se deu por encerrada, desde 2013 quando aconteceu a primeira peregrinação de Cataguases até Piacatuba, impulsionadas em se prepararem para tal caminhada. Em um movimento como este, percebemos a presença de pessoas em variadas idades e que resistem muito bem a um trajeto de aproximadamente 20 km.

Muitas pessoas comentam que frequentam academias ou que começam a caminhar um pouco antes da data marcada, outras dizem não se preparar porque muitas das vezes a própria rotina diária de ir e vir para o trabalho é a pé e com isso se sentem preparadas, outras mais velhas alegam que já viveram tempos difíceis quando mais jovens e que essa caminhada

<sup>50</sup> SANTUÁRIO, Santa Rita de Cássia.

é tranquila pelo que já viveram. E assim ouvimos muitos comentários de como é o antes da caminhada.

Mesmo sabendo que a equipe organizadora da caminhada peregrina é muito cuidadosa em pensar todos os detalhes necessários para dar uma atenção aos peregrinos, nossos caminhantes não pensam em parar antes de concluírem o percurso total. Mas, caso alguém venha a precisar existem equipes voluntárias com carro e com moto para transportar alguém que precisar. Tem ambulância que trafega no mesmo percurso onde as pessoas passam. Temos os próprios companheiros de caminhada que auxiliam no que for preciso. Nessa caminhada se vê muita entrega ao ser humano. As pessoas são solidárias em tudo porque naquele momento é uma pela outra.

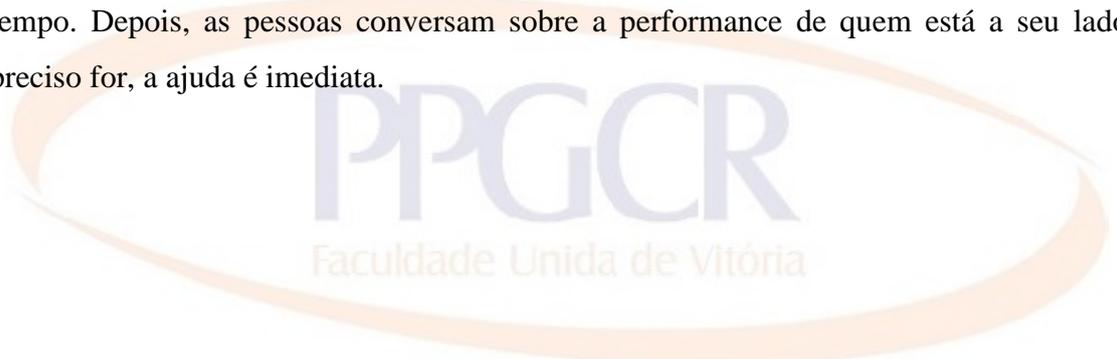
A partir das entrevistas, foi possível perceber que as pessoas que participam da caminhada peregrina sentem-se impulsionadas a se preparar fisicamente durante todo o ano para a próxima caminhada. Os caminhantes têm variadas idades e resistem muito bem. Para se preparar, muitas pessoas disseram que frequentam academias ou fazem caminhadas um pouco antes da data marcada. Outras, afirmaram que a própria rotina diária de ir e voltar para o trabalho a pé já as fazem preparadas. Há, ainda, quem alegue que já viveu tantos tempos difíceis quando mais jovem que essa caminhada fica tranquila.

Mesmo sabendo que podem contar com carro e moto disponíveis para fazer o transporte, os caminhantes não pensam em parar antes de concluírem o percurso total. Há, também, uma ambulância que trafega no mesmo percurso para ajudar caso seja necessário. Além disso, os próprios companheiros de caminhada auxiliam no que for preciso. Nessa caminhada, vê-se muita entrega ao ser humano. As pessoas são solidárias em tudo, porque, naquele momento, é uma pela outra.

O momento inicial da caminhada é um encontro as 4:00 horas da manhã em um ponto central de Cataguases. Ali as pessoas vão chegando, se aglomerando, e juntando-se aos seus conhecidos e amigos. Em determinado momento é dado o aviso que a caminhada começa e que todos devem parar na saída da cidade para um novo momento. Então, chegando no ponto chamado clube Meca o Padre e seus colaboradores iniciam os avisos de como caminhar no trecho de asfalto até chegar na entrada da estrada rural onde a caminhada tem maior trajeto. Em seguida é feito uma oração e um colaborador ligado aos profissionais de Educação física e proprietários de academia orientam um alongamento para todos ali presentes. Esse alongamento é um momento importante no início da caminhada e no decorrer tema distribuição de água e frutas para manter o melhor rendimento dos peregrinos.

No dia marcado para a caminhada, todos se encontram num ponto central de Cataguases, às quatro horas da manhã. As pessoas vão chegando, se aglomerando e juntando-se aos seus conhecidos e amigos. Em determinado momento, é dado o aviso de que a caminhada irá começar e que todos devem parar na saída da cidade. Chegando a esse lugar, chamado clube Meca, o Padre e seus colaboradores informam sobre como as pessoas devem caminhar no trecho de asfalto até chegar à entrada da estrada rural, onde a caminhada tem um trajeto maior. Em seguida, é feita uma oração, e um colaborador ligado aos profissionais de Educação Física e proprietários de academia orienta um alongamento para todos ali presentes. No decorrer da caminhada, há uma distribuição de água e frutas, para manter o rendimento dos peregrinos.

Chegando à entrada da cidade de Piacatuba, a comunidade local recebe a todos com muito carinho, oferecendo suas casas para o que for preciso e servindo lanches. Todos se dirigem para a praça, onde fazem um relaxamento muito pessoal, porque cada um chega a seu tempo. Depois, as pessoas conversam sobre a performance de quem está a seu lado e, se preciso for, a ajuda é imediata.



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

## 2 SOBRE A PEREGRINAÇÃO “CAMINHOS DA PIEDADE”

Ao falar sobre a origem de várias peregrinações espalhadas pelo mundo, Sandra Carneiro<sup>51</sup> mostra os variados motivos que levam as pessoas a se deslocarem para um lugar considerado santo. Normalmente, a intenção é cumprir uma promessa, mas há quem o faça como uma forma de agradecimento por uma graça alcançada ou, até mesmo, como uma forma de mostrar suas culpas para o lado divino e imaterial. Existem também os peregrinos “substitutos”, ou seja, aqueles que cumprem promessas de outrem.

Segundo Sandra, a prática da peregrinação cresceu de forma considerável desde a Idade Média, quando outros motivos faziam com que as pessoas peregrinassem, muitas vezes, até sem motivos religiosos, com o simples intuito de realizar uma viagem. Observa-se, assim, o profano e o sagrado, que facilmente se misturam até os dias de hoje.

Marcelo Camurça<sup>52</sup>, um pesquisador sobre o tema peregrinação, explica que:

Fazer o caminho distancia-se de modelo católico das peregrinações e romarias, pois não implica em cumprimento de promessa, alcance de graça ou de milagre, mas fundamentalmente em realizar o percurso. O caminho é o fim de si mesmo, o que resulta em autotransformação pessoal e empenho em viver e difundir na sociedade os valores despertados durante o caminho, dentro de um circuito de redes e comunidades<sup>53</sup>.

Camurça explica que as peregrinações são jornadas longas de um lugar de origem a um centro sagrado, sendo uma ação mística a um retorno renovado do lugar de onde se partiu. Pierre Sanchis<sup>54</sup>, por sua vez, pontua que a peregrinação seria uma “transfiguração sacramental” dessa existência humana, sublimada através dos ritos eclesiais oficiais. Ele pontua que, para o clero, as peregrinações vão surgir como uma tentativa de se estabelecer a ortodoxia, aprovada pela igreja junto aos fenômenos que envolviam deslocamentos com intenção religiosa. Sanchis vê a peregrinação como uma estratégia e destaca as grandes peregrinações a Fátima<sup>55</sup>.

Em seu estudo, Sanchis diz que é preciso um mediador – o “santo” – para que a peregrinação aconteça, e cita as aparições, como a da Virgem Maria de Fátima, em Lourdes. Os locais das aparições tornam-se sagrados e fazem com que uma multidão peregrine até lá.

<sup>51</sup> CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p. 71-100, 2004.

<sup>52</sup> CAMURÇA, Marcelo. Devoções católicas na pós-modernidade: Das romarias e santuários ao turismo religioso, marketing religioso e altares virtuais. In: *Espiritismo e Nova Era: interpelações ao cristianismo histórico*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2014.

<sup>53</sup> CAMURÇA, 2014, p. 211.

<sup>54</sup> SANCHIS, 2006, p. 85.

<sup>55</sup> SANCHIS, 2006, p. 87.

No estudo feito por Sanchis, ele percebe um mediador para que aconteça a peregrinação, o “santo”. A reverência aos santos levam as pessoas a se deslocarem: ou pelos santos ou por relíquias. A permanência da pessoa nesse lugar considerado sagrado é que vai determinar o local “santo” ou “sagrado”. Além da presença corpórea, Sanchis cita as aparições, que fazem de tal, um lugar sagrado. Exemplo temos o caso das aparições da Virgem Maria, de Fátima em Lourdes. Isso sim, faz daquele local um espaço coletivo que cria as “aparições” e automaticamente o imaginário torna-se uma tradição local e faz com que cada vez mais, um grupo maior de pessoas se dirijam a tal local, constituindo assim o que chamamos de peregrinação.

Uma peregrinação religiosa, assim como outro fato ligado à religiosidade, tem seu contexto histórico passando por uma interpretação historiográfica. Uma das questões ligadas à hermenêutica bíblica, discutida por Antônio Geraldo Cantarela<sup>56</sup>, seria que, em dias atuais, qualquer método exegético adotado e qualquer perspectiva sob a qual aprendemos a leitura do texto bíblico, corresponderão a um “lugar hermenêutico”, exatamente para o tomarmos como reflexão de interesse eclesial<sup>57</sup>.

Seguindo a linha de estudo do autor Marcelo Camurça junto ao seu diálogo com Steil, ele nos mostra a vivência religiosa voltada aos textos bíblicos citados acima. E é a partir dessa primícia que ele nos mostra que foi a partir do século XIV que as aparições marianas consolidaram-se. Ao aparecerem aos mais humildes (pescadores, crianças, pobres, iletrados), a Virgem toma o papel de advogada do povo diante de um Deus que castiga e diante de sua ira prediz o juízo final.

Embora as aparições se deem em função de uma conjuntura, guerras, crises, situações locais, desentendimentos de várias situações, estes eventos sócio históricos se incorporam e se expressam em uma tradição social, milenar bíblico-apocalíptica.<sup>58</sup>

O fato é que as pessoas se deixam envolver por uma necessidade momentânea ou por um fervor religioso já adotado como seu único segmento e adaptam leituras bíblicas em sua vida, envolvendo-se a tal ponto que chegam a praticar uma caminhada religiosa como forma de agradar a Deus, como forma de alcançar uma “graça”, como forma de “pagar” com o

<sup>56</sup> CANTARELA, Antônio Geraldo, Questões de hermenêutica bíblica à luz da estética da recepção. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, p. 419-438, set./dez. 2013.

<sup>57</sup> VITÓRIO, Jaldemir. Os estudos bíblicos em novas perspectivas. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. XXXI, n. 85, p. 323-361, set/dez. 1999.

<sup>58</sup> CAMURÇA, Marcelo. “Devoções Católicas na Pós-Modernidade: Das Romarias e santuários ao turismo religioso, marketing religioso e altares virtuais”. In: *Espiritismo e Nova Era: Interpelações ao Cristianismo Histórico*. Aparecida, SP: Editora Santuário. (Cultura e Religião). 2014, p. 211.

cansaço físico do corpo por uma benção recebida. Isso pôde ser observado durante a peregrinação “Caminhos da Piedade” na cidade de Cataguases.

## 2.1 As crenças e os ritos, e o profano e o sagrado ligados à religiosidade

Na visão de Émile Durkheim<sup>59</sup>, os fenômenos religiosos podem ser classificados entre as crenças e os ritos. Nas crenças, são como estados de opinião e de representações; nos ritos, são como modos de ação. Durkheim coloca outro elemento presente na universalidade das religiões: a divisão entre o sagrado e o profano. Podem-se perceber categorias diferentes e um radicalismo forte e oposto, o que ele chama de gêneros distintos:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem<sup>60</sup>.

Além das crenças e dos ritos, Durkheim menciona a magia e a religião. Ele as diferencia por um fato muito simples à sua análise: a ausência da coletividade na magia e a presença desta na religião. A coletividade é expressa pelo que ele chama de igreja. Para Durkheim, “uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal e sim a comunidade moral formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis como os sacerdotes. Uma sociedade deste gênero normalmente não se verifica na magia”<sup>61</sup>. Por outro lado, essa noção de igreja não exclui o individualismo na religião, apesar de não existir uma religião essencialmente individualista. Segundo Durkheim, a religião tende a individualizar os sujeitos (por exemplo: devoção a um determinado santo) depois de terem nascido no coletivo, ou seja, ao nascerem, os seres humanos vêm com ideais coletivos, mas tendem a se individualizar. “A existência de cultos individuais não implica, portanto, nada que contradiga ou que obstrua uma explicação sociológica da religião, pois as forças religiosas às quais eles se dirigem não são mais que formas individualizadas de forças coletivas”<sup>62</sup>.

Pode-se concluir, então, que, para Durkheim, a religião é eminentemente coletiva e essencialmente social: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas

<sup>59</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2000.

<sup>60</sup> DURKHEIM, 2000, p. 19.

<sup>61</sup> DURKHEIM, 2000, p. 30.

<sup>62</sup> DURKHEIM, 2000, p. 469-470.

a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que se reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”<sup>63</sup>.

Edmund Leach<sup>64</sup> vem completar o entendimento de Durkheim mostrando que todo ritual tem que ter uma estrutura. Ele considera o ritual como uma forma de comunicação que se mostra através de um ato repetitivo. Os gestos e as palavras são um exemplo de forma repetitiva que acontece no ritual, que ora se acentua, ora se inibe mediante os aspectos que estão implícitos nas sociedades. O ritual não é diferente de sociedade para sociedade, mas é a própria sociedade que se destaca num determinado momento em relação ao ritual praticado. O rito e o mito, em alguns momentos, chocam-se com os fatos do mundo social, tendo em vista o poder que a sociedade tem. Os rituais são como um veículo de separação, reforço e até inversão. Eles se destacam como papéis sociais e, dentro das relações sociais, são mensagens sobre elas mesmas.

Indo mais além é possível entender que ora o ritual se acentua e ora ele se inibe mediante os aspectos que estão implícitos nas sociedades. O ritual não é diferente de sociedade para sociedade, e sim a própria sociedade que se destaca num determinado momento em relação ao ritual praticado. O rito e o mito em alguns momentos se chocam com os fatos do mundo social referindo-se ao poder que a sociedade tem. Os rituais se prestam como veículo de separação, reforço e até inversão. Eles se destacam na condição de papel social enquanto inibem outros. Dentro das relações sociais, os rituais são mensagens sobre elas mesmas.

## 2.2 O mundo da Bíblia e o mundo moderno da internet

Na caminhada peregrina “Caminhos da Piedade”, os fiéis se individualizam em uma única santa, Nossa Senhora da Piedade. Eles acreditam que a santa protetora da cidade de Piacatuba vai ajudá-los em alguma dificuldade vivenciada até o presente momento. Ao mesmo tempo, vê-se uma coletividade, porque a caminhada é coletiva, não individual.

O número de pessoas participantes nessa caminhada cresce a cada ano. As chamadas em redes sociais ajudam muito na divulgação e propagação da fé:

É com grande alegria e muita fé, que demos início essa semana a mais um caminhos da piedade. Chegamos este ano a nossa 6ª edição da caminhada. E já podemos dizer que somos uma das maiores caminhadas de fé do Brasil. No ano passado atingimos o número de mais de 3000 peregrinos na estrada. São inúmeras as bênçãos

<sup>63</sup> DURKHEIM, 2000, p. 472.

<sup>64</sup> LEACH, Edmund. Ritualization in Man. In: LESSA, William Armand; VOGT, Evon Zartman (Orgs.). *Reader in comparative religion*. New York: Harper & Row, 1979, p. 229-233.

alcançadas, façam seus propósitos, nossa senhora da piedade nos aguarda no dia 16 de setembro. As inscrições começam no dia 08 de agosto na secretaria do santuário Santa Rita de Cássia, santuário Santa Rita e na matriz de Nossa Senhora do Rosário. Vamos para mais um ano de muitas bênçãos<sup>65</sup>.

Cantarela<sup>66</sup>, discute a conexão que constituem a problemática mais ampla relacionada às motivações e aos interesses de um leitor na recepção de um texto bíblico. Para ele, o leitor atual se dispõe a ler obras do passado e as realiza de acordo com a sua necessidade. Uma das primeiras questões colocadas por Cantarela está relacionada à grande distância cultural que ainda existe entre o mundo da bíblia e o mundo da era da internet. As religiões que se firmaram na era em que surgiu o contexto da civilização com a escrita, do século VI em diante, estabelecem uma relação com os escritos revelados que lhes serviu de justificativa para o que chamamos de universalismo. Em contrapartida, na cultura da internet, marcada por imagens e pelo pluralismo de opiniões, não há espaço para certezas absolutas.

De acordo com Wolfgang Gruen<sup>67</sup>, no contexto da comunicação através de imagens online, a Bíblia

[...] não é exatamente atraente para quem não tem familiaridade com ela: um livro grosso, muitas vezes impresso em letra pequena, sem figuras, páginas amareladas pelos anos, quando não por perdigotos de tempos idos; linguagem no mínimo estranha; enfim, à primeira vista um livro que faz de tudo para não ser lido<sup>68</sup>.

Por outro lado, temos a modernidade da internet em divulgar relatos religiosos, de certa forma, “atraentes” para o cristão não familiarizado com a leitura e que precisa ser abençoado com uma obra divina para estar em maior sintonia com o sobrenatural. O caráter variado que damos à leitura bíblica e/ou à modernidade digital envolvendo o religioso pode ser relacionado à compreensão que temos do sagrado e do divino. Dentro de uma determinada cultura, toda compreensão pode ser considerada auto compreensão, independentemente de se estar ligado somente ao que é considerado tradição.

Na falta dos profetas, a palavra de Jesus, o Javé, será buscada nos escritos da tradição, na palavra escrita na Bíblia. Os rolos em que se escreviam essas palavras passavam a receber uma materialidade e o devido respeito como objeto sagrado que se cumpria. Afirmar que essa escritura está inserida nos processos de tradição cultural é também lembrar que foi nesse período que começou a aparecer a adoração aos santos. A partir desse ponto, as comunidades que não tinham leitura, conhecimento cultural, entendiam que suas orações eram

<sup>65</sup> Postagem dos organizadores da peregrinação “Caminhos da Piedade” nas redes sociais em julho de 2018.

<sup>66</sup> CANTARELA, 2013, p. 84.

<sup>67</sup> GRUEN, Wolfgang. A Bíblia na era da internet. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 61, p. 79-92, 1999.

<sup>68</sup> GRUEN, 1999, p. 55.

atendidas através de seus pedidos aos santos. A principal característica da peregrinação “Caminhos da Piedade” é exatamente esta: a preservação do que se tem de religiosidade, de espiritualidade nas comunidades envolvidas e em seu entorno no século XXI.

### 2.3 Um olhar sobre o corpo e uma breve análise das emoções do peregrino

A biologia e as teorias evolucionistas têm defendido que não existe uma maneira de separarmos o corpo da razão e a razão da emoção. Mauss<sup>69</sup> afirma que o ser humano tem uma abrangência em suas características biológicas e fisiológicas, mas também tem dimensões voltadas para os campos sociológico e psicológico. O autor trabalha também com a ideia de algo “adquirido” através das técnicas da razão e das práticas coletivas e individuais. O corpo não existe como se lhe fossem dadas todas as evoluções de uma só vez, ele é constituído pelo próprio homem, que é seu construtor social. Sobre isso, Christine Detrez<sup>70</sup> afirma:

A cultura, que frequentemente funciona abaixo da dimensão explícita e dos dispositivos discursivos, é incorporada, encarnada sob a forma das atividades motoras, as mais banais, esses ‘atos montados’, adaptações constantes a um objetivo físico, mecânico, químico, para retomar os termos de Mauss. Essa encarnação é visível nos aprendizados fisioterápicos balineses, como a dança, por exemplo, mas mesmo nas atitudes e gestos os menos intencionais. Assim, mesmo a posição das mãos em repouso, ao abandono, é modelada pela aprendizagem cultural; ela aparece como desarticulada aos olhos do observador ocidental. Ora, essa desarticulação, que caracteriza igualmente tanto a dança quanto as marionetes balinesas é devido à formação propriamente dita, isto é, aos exercícios e aos treinamentos, certamente, mas ela é igualmente pela representação do corpo balinês, tanto são indissociáveis nessa socialização corporal os códigos explícitos e inconscientes<sup>71</sup>.

Dessa forma, Detrez confirma o que disse Mauss: o corpo é composto pelos aspectos biológico, fisiológico, sociológico e psicológico. Assim, ela vem reforçar o caráter social e simbólico que o corpo tem numa dada formação social. Segundo a autora, a forma com que as emoções são canalizadas pela cultura jogam por terra a ideia de que sejam naturais e universais:

As emoções elas mesmas não respondem em todos os lugares aos mesmos desencadeadores psicológicos e não se manifestam de forma análoga: as mensagens são interpretadas, decodificadas através de grades da percepção cultural. Escondida atrás das evidências psicológicas ou biológicas a dimensão cultural das emoções e das sensações não é menos fundamental, novo golpe fatal antropológico aos determinismos naturalistas<sup>72</sup>.

<sup>69</sup> MAUSS, 2003, p. 77.

<sup>70</sup> DETREZ, Christine. *La construction sociale du corpus*. Paris: Édition du Seuil, 2002.

<sup>71</sup> DETREZ, 2002, p. 78.

<sup>72</sup> DETREZ, 2002, p. 93.

Podemos analisar então, a partir da fala de alguns autores citados acima, o corpo do peregrino e as emoções sentidas demonstradas através dos momentos que o próprio peregrino vai em busca do sagrado. Vale lembrar que nem sempre nossas emoções são as que o senso comum coloca e sim outras que vem do interior de cada ser humano. De tal modo que dar conta dessas emoções em um movimento como a peregrinação estudada não é tarefa fácil.

Tomemos a peregrinação como um lugar próprio às expressões ligadas às emoções. Digo apropriada porque é um campo fértil para liberação de grandes emoções que estão ligadas entre si e entre um grupo de pessoas voltadas ao mesmo ideal. E é o grupo que desenvolve cada vez mais essas emoções.

Le Breton<sup>73</sup> afirma que os efeitos das emoções nos indivíduos não podem ser vistos fora do sistema de significados e de valores que regem as interações do grupo, ou seja, a emoção passou antes por uma manifestação no grupo. Nada é tão natural quanto se pensa. O corpo simboliza o social em que se vive. No caso da peregrinação aqui analisada, destaca-se que não são somente as circunstâncias que canalizam as emoções, mas também a interpretação que o peregrino dá à caminhada. O peregrino a realiza por intermédio do prisma da cultura afetiva e de sua história, que, automaticamente, ordena uma permanência de sensações que o envolvem.

Le Breton elabora uma vasta e importante reflexão sobre as emoções e a natureza social do homem. O autor refere-se às emoções que nada têm de irracionais, espontâneas ou profundas. Segundo ele, as emoções são construídas e se manifestam em determinados contextos e de determinadas formas; são rituais organizados e sociologicamente construídos; e são projetadas no tempo, podendo antecipar-se ao acontecimento e misturar-se ao imaginário e às fantasias individuais.

Nesse contexto, vale lembrar que a peregrinação traz à tona muitas emoções para quem participa. Le Breton diz “o peregrino é o homem que caminha”, ou seja, é o sujeito que se afasta durante horas, dias, semanas ou até meses de sua casa para fazer penitência através da renúncia, passando por provas que se impõem para ascender à potência de um lugar santo e se regenerar. A peregrinação é, então, aos olhos de Le Breton, uma devoção permanente a Deus ou uma longa prece efetuada pelo corpo.

A problemática desta pesquisa vem de encontro aos autores citados. Trabalhar o corpo dentro da experiência religiosa e vivenciada por um grupo de pessoas cuja preparação

---

<sup>73</sup> LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

física e emocional implica num aprendizado constante. A cada ano a caminhada ganha proporções mais abrangentes e seus peregrinos se posicionam de maneira a mostrar como o corpo resiste a tantos quilômetros.

A construção do corpo e das emoções dos peregrinos vem mostrar a transformação social trazida pela fé. A crença em Nossa Senhora da Piedade, a devoção a outros santos ou qualquer outro motivo, faz com que a resistência corporal exista e se transforme em apoio a outros peregrinos.

Preparar-se física e emocionalmente para viver a experiência religiosa da peregrinação implica um aprendizado constante. A preparação do corpo e a demonstração das emoções dos peregrinos mostra a transformação social trazida pela fé. A crença em Nossa Senhora da Piedade, a devoção a outros santos ou qualquer outro motivo que levou alguém a participar da peregrinação destacam o valor da resistência corporal e se transformam em apoio a outros peregrinos.

#### 2.4 A peregrinação como forma de turismo

Além de todos os aspectos envolvidos na peregrinação já abordados neste trabalho, tem-se, ainda, o turismo. Piacatuba já é uma localidade turística devido ao contexto histórico de sua fundação; às suas ruas de pedras, construídas por escravos; às suas casas, conservadas pelo patrimônio histórico-cultural; ao seu festival de gastronomia, que sempre acontece no mês de julho; à história da Cruz Queimada; à devoção da comunidade a Nossa Senhora da Piedade; e, desde 2013, à peregrinação “Caminhos da Piedade”, que, a cada ano, atrai mais pessoas.

Carneiro<sup>74</sup>, em seu estudo sobre a peregrinação a Santiago de Compostela, discute os significados e os sentidos da peregrinação produzidos por diferentes povos. Ela toma Santiago como um modelo de peregrinação e tem como principal objetivo analisar os sentidos dados pelas pessoas ao caminhar pelas estradas. A autora explica que muitas pessoas são consideradas peregrinas e turistas ao mesmo tempo, porque, muitas vezes, precisam percorrer um longo caminho até chegar ao local de início da peregrinação. A condição de turista se dá quando o deslocamento transpõe localidades distantes de onde a peregrinação vai ocorrer.

---

<sup>74</sup> CARNEIRO, 2004, p. 88.

Carneiro discute a ideia de o turista ter um *status* social, porque, no mundo moderno atual, viajar é tão importante quanto ter outro bem de maior valor financeiro. Para ela, o turista é alguém que procura ser autêntico em outras culturas que não são a dele de origem.

A estrutura de uma peregrinação não é constituída somente por seu lado sagrado, mas também por seu lado político-social. Quando o lado sagrado tem ponto fixo e permanente, o território se torna fonte de disputa política, e a criação de um “santuário” implica numa maior visibilidade daquela região. Um exemplo disso em Piacatuba é a Cruz Queimada, que é um ponto de finalização permanente da peregrinação “Caminhos da Piedade”. Isso nos mostra seu lado político enquanto demarcação do lugar onde ir peregrinar. O território é, sem dúvida, uma emblemática questão, que mistura turismo religioso e a promoção do local. Estar ali, para uns, não tem somente o sentido religioso enquanto graça alcançada ou a ser alcançada, mas também o *status* de onde se foi nessa viagem.

A exemplo de Piacatuba, qdo falamos da história da Cruz Queimada, e a cruz é permanente no local onde é ponto de encontro e finalização da peregrinação “Caminhos da Piedade”, isso nos mostra o lado político enquanto demarcação do lugar onde ir peregrinar. O território é sem dúvida uma emblemática questão misturando turismo religioso e a promoção do local. Estar ali, para uns, não tem somente o sentido religioso enquanto graça alcançada ou a ser alcançada. Mas tem também o status de onde eu fui nesta viagem.

Nota-se aí a parte financeira ou econômica que envolve o turismo. Apesar de alguns turistas ficarem em residências de parentes e amigos, a peregrinação é a grande responsável pela abertura do turismo na região, o que movimenta, conseqüentemente, a economia tanto da cidade quanto de todo o seu entorno.

Sanchis<sup>75</sup> lembra que o tema peregrinação remete a outros temas, como os que envolvem interesses populares, clérigos, religiosos, políticos, econômicos e turísticos, todos envolvidos numa mesma circunstância. Carlos Alberto Steil<sup>76</sup> não segue o mesmo raciocínio de Sanchis e diz que o turismo se diferencia da peregrinação por meio das ideias de *communitas* e *societas*, ou seja, acredita que se trata de pertença. Para ele, o turismo está ligado a um modelo de sociedade, em que as hierarquias são enfatizadas e a distinção destacada, enquanto a peregrinação está diretamente ligada a um modelo de comunidade, em que as hierarquias são suspensas e os sentimentos de comunhão e fraternidade se mostram como molas-mestra.

---

<sup>75</sup> SANCHIS, 2006, p. 92.

<sup>76</sup> STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 249-261, out. 2003, p. 212.

Steil<sup>77</sup> analisa o significado da categoria turismo entre os peregrinos, o clero e os moradores de Bom Jesus da Lapa, mas sem a pretensão de separar turistas de peregrinos, até porque articular essas duas estruturas em seus significados é não confundir comportamentos e motivações. Isso quer dizer que a mesma pessoa pode ter uma mistura de comportamentos, o que torna difícil identificá-la como turista ou como peregrino. O autor considera esses dois termos como “tipos ideais” e os analisa sob a ótica dos modelos *communitas* e *societas*:

De um lado temos o modelo convivial de uma comunidade emocional e religiosa, que Victor Turner e Edith Turner chamaram de *communitas*, de outro, temos o modelo de sociedade de corte, marcado por uma convivência ‘fria e calculada’, que poderia ser expresso pela ideia de *societas*, da forma como o entende Norbert Elias. Nesse sentido, tomamos a peregrinação como um discurso metassocial que comporta duas formas de sociabilidade que operam a partir de lógicas opostas: da *communitas*, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão; e da *societas*, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção<sup>78</sup>.

Comunidade aqui é entendida como uma sociedade que tem uma relação horizontal entre os indivíduos, que abandonam temporariamente suas hierarquias para compartilhar sentimentos mútuos de comunhão, igualdade e solidariedade. Isso pode ser observado na caminhada “Caminhos da Piedade”, pois os indivíduos abandonam sua condição social e o que realmente importa é a peregrinação. Assim, o peregrino se iguala ao turista.

Outro ponto importante que vale ressaltar é a consideração do clero, que vê no turismo um sobreposto à peregrinação e, a todo momento, tenta reformular o culto, integrando os peregrinos numa sociabilidade turística. Para Steil<sup>79</sup>, é possível trabalhar com mais uma hipótese: a de se confrontar a peregrinação ao turismo. Nesse momento, o clero atualiza-se como um modelo comportamental de afirmação do indivíduo, contrapondo-se a uma sociedade com um modelo comportamental coletivo:

A atitude do clero não apenas revela o conflito entre dois núcleos de significados que demarcam uma divisão central em relação aos sentidos da peregrinação, mas também aponta para uma situação paradoxal ou de ‘duplo constrangimento’ (Bateson, 1972) que oscila entre a idealização e a reprovação dos peregrinos e turistas. Ou seja, ao lado do ideal de uma religião esclarecida, racionalizada e teológica existe o ideal de uma ‘fé pura’, não contaminada pela modernidade, pela secularização e pelo racionalismo. Enquanto a peregrinação remete ao primeiro ideal, o turismo aponta para o segundo. Mais do que os moradores e, possivelmente, que os próprios romeiros -turistas, o clero se encontra dividido entre o ideal da *communitas* e da *societas*. Movido pelo primeiro, é tomado por uma atitude de

<sup>77</sup> STEIL, 2003, p. 233.

<sup>78</sup> STEIL, 2003, p. 251.

<sup>79</sup> STEIL, 2003, p. 237.

profunda admiração pelos romeiros. Já, movido pelo segundo, reprova a ignorância religiosa e o caráter supersticioso de suas práticas no santuário<sup>80</sup>.

Eis então a conclusão de Steil, onde diz que não se pode tomar como fato sequencial a peregrinação e o evento turístico porque não seria natural diante do processo de racionalização. Mas que devemos encher o fato das peregrinações terem sua estrutura própria e acomodarem diversos sentidos e práticas em sua efetividade.

Ainda sobre a atuação do clero na análise da peregrinação e turismo, Camurça diz que,

Nos séculos XIX e XX como adaptação do catolicismo tradicional ao processo de secularização e racionalismo provenientes da modernidade (opondo milagre x ciência, campo x cidade), a hierarquia da Igreja vai preocupar-se com os critérios de veracidade dos milagres, o que garante seu controle sobre a interpretação e o culto, instituindo centros de peregrinação como Lourdes, Fátima.<sup>81</sup>

Para Steil<sup>82</sup>, não se pode tomar como fato sequencial a peregrinação e o evento turístico, porque não seria natural diante do processo de racionalização, mas é preciso notar que as peregrinações têm sua estrutura própria e acomodam diversos sentidos e práticas em sua efetividade. Ainda sobre a atuação do clero na peregrinação e no turismo, Camurça<sup>83</sup> diz que,

[...] nos séculos XIX e XX como adaptação do catolicismo tradicional ao processo de secularização e racionalismo provenientes da modernidade (opondo milagre x ciência, campo x cidade), a hierarquia da Igreja vai preocupar-se com os critérios de veracidade dos milagres, o que garante seu controle sobre a interpretação e o culto, instituindo centros de peregrinação como Lourdes, Fátima<sup>84</sup>.

Steil<sup>85</sup> propõe outro olhar sobre peregrinos e turistas. Segundo ele, os dois termos não devem ser analisados como opostos, mas como uma tradição que está se constituindo pela lógica interna das práticas de peregrinação. Já Carneiro<sup>86</sup> considera que peregrinação e turismo devem ser entendidos “não apenas como experiências históricas de formas distintas de deslocamento espacial, mas também como categorias de análise e de compreensão da

<sup>80</sup> STEIL, 2003, p. 258.

<sup>81</sup> CAMURÇA, Marcelo. “Devoções Católicas na Pós-Modernidade: Das Romarias e santuários ao turismo religioso, marketing religioso e altares virtuais”. In: *Espiritismo e Nova Era: Interpelações ao Cristianismo Histórico*. Aparecida, SP: Editora Santuário. (Cultura e Religião). 2014, p. 212.

<sup>82</sup> STEIL, 2003, p. 261.

<sup>83</sup> CAMURÇA, 2014, p. 209.

<sup>84</sup> CAMURÇA, 2014, p. 212.

<sup>85</sup> STEIL, 2013, p. 274.

<sup>86</sup> CARNEIRO, 2003, p. 57.

realidade que condensam significados que estão sendo atualizados e reavaliados permanentemente na prática social”<sup>87</sup>.

Em sua tese de doutorado, Sandra Carneiro<sup>88</sup> aborda a distinção entre peregrinos e turistas, onde desenvolveu seu estudo através do trabalho de campo em Santiago de Compostela. Ela mostra que peregrinação e turismo devem ser entendidos “não apenas como experiências históricas de formas distintas de deslocamento espacial, mas também como categorias de análise e de compreensão da realidade que condensam significados que estão sendo atualizados e reavaliados permanentemente na prática social”<sup>89</sup>. Em sua tese, Carneiro, expõe o aspecto da peregrinação a Santiago de Compostela, que são os sentidos e os significados do caminho para os peregrinos brasileiros que lá se encontram.

Embora o clero considere que a transformação da fé seja um produto turístico que deturpa o verdadeiro sentido religioso, a igreja também depende dessa imagem midiática para levar cada vez mais indivíduos ao contexto sacro. O que não agrada realmente ao clero é o fato de não ter o total domínio da mediação com o sagrado. Camurça<sup>90</sup> reforça essa afirmativa:

Particularmente o Santuário de Aparecida-SP, vem aportando investimentos para atração de fiéis nessa nova modalidade, como o ‘Shopping dos Romeiros’, um complexo comercial com dezenas de lojas para os visitantes. Também promoveram a instalação de um Parque Temático no entorno do Santuário e do Centro Comercial ao lado da Basílica com praça de alimentação, palco e telão, onde são exibidos vídeos, e com o estacionamento da Basílica, explorando comercialmente a exemplo dos shoppings centers brasileiros. Excursões ao local são organizadas e incluem hospedagem em hotéis e passeios a pontos turísticos da região. No entender de Silveira, que também estudou o Santuário de Aparecida, para além da Igreja Católica trata-se de um complexo de atores sociais que circulam e competem em torno da ‘peregrinação, turismo e lazer’. E menos que redução desse complexo a questões mercadológicas, há toda uma ‘eficácia simbólica’ articulando esta teia de relações<sup>91</sup>.

Se observarmos o cenário da caminhada pesquisada, não encontraremos tanto propósito no turismo, mas Piacatuba tem hotéis e pousadas que são utilizados em várias épocas do ano. O comércio também não é feito em função do sagrado, como em Aparecida do Norte, por exemplo. Pensar a peregrinação sem o fenômeno do *marketing* é vivenciar a experiência religiosa sem ressaltar que, por trás, existe uma experiência restrita àqueles que

<sup>87</sup> CARNEIRO, 2003, p. 69.

<sup>88</sup> CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação. Orientador: Profa. Dra. Regina Novaes. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA. Tese de doutorado. 2003.

<sup>89</sup> CARNEIRO, 2003, p. 69

<sup>90</sup> CAMURÇA, 2014, p. 208.

<sup>91</sup> CAMURÇA, 2014, p. 215-216.

têm condições financeiras de participar do evento religioso. Às vezes, os próprios moradores criticam essa comercialização em torno da peregrinação, e o clero compartilha dessa crítica, por não possuir o total controle da situação. Por outro lado, essa dita “exploração financeira” se faz necessária, já que, dependendo do evento religioso, pessoas se deslocam de muito longe de suas residências e acabam precisando de um atendimento hoteleiro. Além da alimentação e estadia, tem também a questão social de se lembrar de um amigo ou parente e levar a chamada “lembrancinha” ou “reliquia religiosa” para ofertar a um dos seus.

## 2.5 A transformação do peregrino em divulgador da fé

Avaliar as características apresentadas pelos peregrinos foi possível através de perguntas feitas com entrevistas e questionários aos participantes peregrinos. A metodologia utilizada baseou-se em autores diversos que discutiram sobre o tema proposto e outros que trabalharam o tema “Caminhos da Piedade”, sites das Paróquias de Cataguases e Piacatuba e entrevistas feitas com peregrinos participantes de algumas das caminhadas já realizadas na região. Os peregrinos foram entrevistados após a participação na caminhada, tendo suas informações e relatos para fins desta pesquisa obtidos com entrevistas. As perguntas realizadas foram padronizadas, e dessas informações foi possível cruzar dados e a partir de então, concluir que a maioria dos participantes, se tornavam após a caminhada, propagadores da fé.

As perguntas feitas aos peregrinos foram as seguintes: Quais os fatores motivadores que te trouxeram à caminhada? Você achou o trajeto longo demais? Por que se dispôs a fazer essa caminhada? É sua primeira caminhada? Trouxe alguém com você? Você percebeu alguma mudança em seu corpo no decorrer da caminhada? Houve alguma mudança religiosa em você durante e/ou depois da caminhada?

Após analisar as respostas dos peregrinos, percebeu-se sua transformação em divulgadores permanentes da fé. A busca pelo sagrado se fez presente no decorrer da caminhada, de modo que houve “o fortalecimento da fé em si, pela aproximação com Deus, pela reflexão sobre a própria vida e pelo sentimento de união que o objetivo da caminhada proporciona”<sup>92</sup>.

No decorrer da caminhada, foi possível observar que ela transcende o caráter comunitário e corporal dos caminhantes, elevando o caráter religioso de fé. É muito comum

---

<sup>92</sup> SANCHIS, 2006, p. 172.

ouvir: “Isso só é possível através da fé”. Muitas vezes, a palavra fé pode nem ter explicação clara para todos, mas a proximidade com Deus era tão clara para os peregrinos que sua demonstração de fé vinha acompanhada desse sentimento espiritual que quase não se explica. Talvez, porque é um sentimento entendido como abstrato, não como concreto.

As respostas dos peregrinos demonstraram que eles não somente se transformavam, como também conseguiam contagiar aos que estavam ao redor. Muitos preferem fazer a caminhada em silêncio, que pode ser uma forma de meditação, o pagamento de uma promessa ou uma falta de socialização. O silêncio é resposta no “deserto”. A caminhada é a hora do pensamento silencioso. Imaginar e concluir a peregrinação “Caminhos da Piedade” requer fé e muitos afirmam: “Tenho certeza de que, hoje, foi Deus quem me fez um ser humano melhor e diferente”. Isso está diretamente ligado ao subconsciente emocional de cada participante.

Ao ler mais vezes os relatos dos peregrinos deixados como respostas às perguntas feitas, a clareza foi surgindo e consegui perceber que não só o próprio entrevistado se transformava, como ele conseguia contagiar aos que estavam a seu redor. Muitos preferem fazer a caminhada em silêncio. Isto pode demonstrar uma atitude um tanto forte. O silêncio pode ser meditação, promessa ou falta de socialização. Mas o silêncio é resposta no “deserto”. Caminhada, hora de pensamento silencioso.

Imaginar e concluir o “Caminho da Piedade” requer fé e muitos afirmam que “hoje tenho certeza de que foi ELE quem me fez um ser humano melhor e diferente”. Isso fica diretamente ligado ao subconsciente emocional de cada participante.

Assim, vê-se que vários tipos de discursos permeiam a peregrinação e que todos eles tendem a ter um significado transcendental de união com o divino. A partir dessa união, é possível superar as dificuldades corpóreas e chegar ao destino final, ao encontro com Deus e com Nossa Senhora da Piedade.

### 2.5.1 *A continuidade da fé*

A fé explicitada pelos peregrinos é sempre lembrada como uma fé sequencial. A partir do momento em que uma pessoa participa de uma caminhada, normalmente, ela repete o trajeto no ano seguinte. Siqueira<sup>93</sup> destaca o fato de as pessoas não se contentarem em ir a apenas uma caminhada. Mesmo já tendo cumprido sua promessa, as pessoas costumam voltar a ser peregrinas.

---

<sup>93</sup> SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Jesus Cristo, eu estou aqui! *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 95-105, jun. 2009.

Peirano<sup>94</sup> diz que “estar de prontidão para enfrentar as batalhas espirituais é o mesmo que estar em sintonia com o Pai Celestial e aprender a lidar com os obstáculos da vida projetando-se em direção ao céu. Isso sim é ser uma pessoa voltada aos princípios de ser um verdadeiro cristão”. Ao afirmar isso, Peirano simplesmente mostra o que a tradição oral sempre deixa escapar: os peregrinos são fonte de fé em abundância. Eles conseguem se identificar e permanecer na fé para conseguir realizar o trajeto proposto. Como exemplo disso temos os visitantes e peregrinos de Aparecida do Norte, no Estado de São Paulo. Quantas vezes ouvimos pessoas dizer que vão todo ano para Aparecida. A cada ano, pode ser com um propósito diferente, mas a viagem sempre se repete. E em Piacatuba não acontece de forma diferente. Muitos repetem o caminhar, valorizando muito esse momento de fé em suas vidas.

### 2.5.2 *Uma sociedade religiosa conhecedora da fé*

A Fé explícita pelos peregrinos é sempre lembrada como uma Fé sequencial. A partir do momento que uma pessoa vai a uma caminhada, normalmente ela repete o trajeto no ano seguinte. Umas até pulam um ano e vão no outro. E isso Siqueira<sup>95</sup> mostra quando aborda o fato das pessoas não se contentarem em ir em apenas uma caminhada. Podem já ter feito a promessa, ter se cumprido o esperado através da crença que as pessoas voltam a ser novos peregrinos.

Assim como Siqueira, Peirano<sup>96</sup> vai mais além e completa o discurso de Siqueira:

Estar de prontidão para enfrentar as batalhas espirituais é o mesmo que estar em sintonia com o Pai Celestial e aprender a lidar com os obstáculos da vida projetando-se em direção ao céu. Isso sim é ser uma pessoa voltada aos princípios de ser um verdadeiro cristão.

Ao afirmar e exemplificar dessa maneira um peregrino, Peirano, simplesmente mostra o que a tradição oral sempre deixa escapar. Os peregrinos são fonte de fé em abundância. Eles conseguem se identificar e permanecer na fé para conseguirem realizar o trajeto proposto.

A permanência em estar sempre presente nas caminhadas sempre que possível coloca a situação em comparação às várias peregrinações existentes dentro e fora do Brasil. A exemplo disso temos os visitantes e peregrinos de Aparecida do Norte no Estado de São

<sup>94</sup> PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

<sup>95</sup> SIQUEIRA, E. D.; SIQUEIRA, D. C. O. *Jesus Cristo, eu estou aqui! Notas para uma antropologia do turismo na mídia*. Líbero (FACASPER), v. 23, p. 95-105. 2009

<sup>96</sup> PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. RJ: Jorge Zahar Ed. 2003.

Paulo. Quantas vezes ouvimos pessoas dizer que vão todo ano em Aparecida. A cada ano pode ser para um propósito diferente, mas a viagem se repete. E em Piacatuba não acontece de forma diferente. Muitos repetem o caminhar com muita restrição ao momento de fé em suas vidas.

O grupo de pessoas que caminham em conjunto em qualquer que seja a peregrinação, se torna uma comunidade de fé. Através do vínculo adquirido antes, durante e depois da caminhada ou da peregrinação se percebe uma sintonia em busca do sagrado.

As pessoas se juntam por uma mesma intenção, pela idade, pela igreja que frequentam, pela ordem de chegada no dia do evento religioso e por qualquer outro laço que as prenda ao objetivo único que é a caminhada.

No momento do preparo, ou seja, antes do dia marcado, as pessoas se comunicam, entram em contato pelas redes sociais, se encontram no trabalho, na igreja e ali elas combinam muitos detalhes para se chegar bem no dia da caminhada.

Esses relatos vão ser exemplificados no decorrer do terceiro capítulo onde será exposto o que realmente se deixou claro nas entrevistas.

No dia propriamente dito da caminhada ou peregrinação as pessoas vão se aglomerando frente aos contatos previamente feitos e outras pela oportunidade acontecida no local da partida – Praça central da cidade. Em seguida elas começam o percurso e seguem em busca de receber sua graça.

Após a caminhada ser concluída muitas pessoas ainda ficam como vínculo criado no momento peregrino. Algumas são conhecidas de trabalho como já citei, de movimentos ligados à igreja, vizinhas, parentes, amigos e os comentários ainda perduram por uns tempos. Esse tempo depende do grupo de pessoas. Pude perceber que quando os peregrinos são mais velhos a permanência da conversa sobre o percurso feito fica mais longo. Dura mais tempo o assunto. Mas, quando as pessoas envolvidas são de idade mais novas, pelos seus compromissos diários o assunto se esgota rápido e retorna só nas programações do próximo ano.

Assim acontece a divulgação da fé através da peregrinação. Ser um peregrino de fé é ser constante na entrega corporal e espiritual. Onde quer que seja a peregrinação ela tem o mesmo impacto sobre os peregrinos andantes.

### 3 O TRABALHO DE CAMPO COMO UM MÉTODO DE PESQUISA EM “CAMINHOS DA PIEDADE”

Observar todo o processo de preparo da caminhada religiosa “Caminhos da Piedade” faz com que as análises realizadas neste trabalho estejam voltadas aos mais variados detalhes, para explicar com a maior clareza possível os efeitos corporais, religiosos e culturais que ela traz à população envolvida. O método utilizado para a observação de um participante pode explicar os mecanismos que movem determinada sociedade. Assim diz Becker<sup>97</sup>:

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou<sup>98</sup>.

Ruth Cardoso<sup>99</sup> observa o quanto é importante o trabalho do pesquisador em campo:

A prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas. Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar<sup>100</sup>.

No trabalho de campo, é visivelmente notada a presença da sociabilidade entre os indivíduos, que, de certa forma, “abandonam temporariamente suas hierarquias para compartilhar sentimentos como os de comunhão, igualdade e solidariedade”<sup>101</sup>. Nas entrevistas realizadas com os peregrinos, ficou claro que todos se colocam como iguais. Eles compartilham alimentos; passam por situações de privação, sem qualquer tipo de conforto; sofrem juntos; dividem emoções; relatam suas histórias de vida; conversam sobre os motivos de estarem ali etc.

<sup>97</sup> BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 57.

<sup>98</sup> BECKER, 1994, p. 64.

<sup>99</sup> CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>100</sup> CARDOSO, 1986, p. 103.

<sup>101</sup> STEIL; CARNEIRO, 2011, p. 252.

### 3.1 O diálogo com alguns autores

A questão que remonta a Velho<sup>102</sup> é quando o autor se refere a um trabalho de antropologia e interpretação. Ele analisa dados sob o ponto de vista do pesquisador dizendo que esse ponto de vista depende de sua interpretação sobre os dados colhidos ou adquiridos. Ele ainda continua, que o pesquisador deve ficar atento a realidade familiar que deve ser percebida de maneira diferenciada. Velho não diz estar proclamando uma espécie de falência do estudo da sociedade, e sim a necessidade de percebê-la enquanto objetividade mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. Por um lado a construção do conhecimento do pesquisador através de dados deve ir em direção ao seu conhecimento nato e por outro lado permitir que observe o familiar estudado, sem qualquer impossibilidade de resultados imparciais, ou seja, o pesquisador deve analisar num sentido amplo e não restrito.

Indo em direção à realidade retratada por Velho, foi perceptível que os peregrinos em muitos dos relatos deixam claro que a natureza familiar lhes impulsiona à caminhada como prova de sua religiosidade. A adaptação do sagrado em suas vidas é passada de geração em geração deixando essa prática como sendo um vínculo que os prendem tanto ao sagrado quanto ao seio familiar.

Na visão do Howard S. Becker<sup>103</sup> o estágio final da análise de um pesquisador de campo consiste na incorporação de descobertas individuais de um modelo generalizado e idealizado por uma sociedade. Ele apresenta esta sociedade como um complexo de variáveis interconectáveis e que as conclusões neste nível são:

Afirmações complexas sobre as condições necessárias e suficientes para a existência de algum fenômeno, afirmações de que algum fenômeno é um elemento importante ou básico na organização e afirmações que identificam uma situação como um exemplo de algum processo ou fenômeno descrito mais abstratamente na teoria sociológica<sup>104</sup>.

É através desses modelos parciais de conclusões que o pesquisador consegue construir um modelo mais geral da organização. Será que o peregrino teria seu corpo e suas emoções transformadas após o momento limiar da caminhada peregrina e após o processo em comunidade pelo qual passou, explique? Acredita-se que os dados coletados através de entrevistas com os peregrinos possam ser entendidos como fé, saúde, pertencimento,

---

<sup>102</sup> VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: E. O. NUNES (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. p. 42.

<sup>103</sup> BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec. 1994. p. 58.

<sup>104</sup> BECKER, 1994, p. 59.

iniciativa, sociabilidade, motivação dentre outros. Dando a todos os peregrinos participantes condições de findar o trajeto proposto na caminhada.

Já Bonet<sup>105</sup> propõe bem como Mauss<sup>106</sup> que há uma convergência nos enfoques socioculturais. Mauss define esses enfoques como expressões voltadas a corpos humanos socializados e é a mesma ideia que Bonet usa para se referir à ideia de corpos que existem antes como grupos em interação do que como entidades isoladas. E é nessa interação em grupo que as emoções surgem como resposta para o sentido e sentimentos expressos em situações como as apresentadas na caminhada de “Caminhos da Piedade”.

A presença e o pertencimento de estarem em grupo torna os peregrinos pessoas mais fortes. Mas não elimina a presença individual de alguns peregrinos que não caminham em grupo. Tem os que preferem a individualidade como forma de se aproximarem melhor do sagrado.

Buscando confrontar os dados adquiridos através dos entrevistados e dentro das propostas de Mauss e Bonet, os corpos sentidos e vividos se permitiram a emoções como experiências aprendidas e expressas com o próprio corpo<sup>107</sup>.

### 3.2 Trabalhos já publicados do fato em questão

A presença religiosa marcante nas duas cidades mencionadas e pesquisadas foi possível ser pesquisada através da metodologia utilizada nesta pesquisa e também através de informações de uma moradora da cidade de Cataguases, Cláudia Cristina da Silva<sup>108</sup> que acompanhou de perto algumas das caminhadas peregrina. Por intermédio de seus pais, que desde a primeira caminhada vão como carro de apoio, Cláudia teve a caminhada entrando em sua vida como um agradecimento de graça alcançada na cidade de Piacatuba. Seu filho, em um determinado dia a passeio na pequena cidade veio a perder umas das lentes que usava. Como era madrugada, estavam em um show procuraram mas impossível encontrar um objeto tão minúsculo. No outro dia seu pai insistiu tanto que voltaram à Piacatuba e para surpresa deles e de alguns moradores ali presentes que ajudavam a procurar a lente perdida, tiveram a graça de encontrar. A lente era procurada com tanto afinco porque é de uma deficiência não

<sup>105</sup> BONET, Octavio. *O corpo e as emoções entre a natureza e a cultura*. II Fórum de Linguagem: linguagem, natureza e cultura. UFRJ, Fórum de Ciência e Cultura. 2006. p. 05

<sup>106</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify. 2003. p. 35.

<sup>107</sup> Bonet, 2006, p. 06.

<sup>108</sup> Mestra em história pela UNIVERSO – Niteroi-RJ. “Vida social e familiar do operariado têxtil, Cataguases – século XX” (2009); Professora em Cataguases e pesquisadora da história local.

tão comum e apenas são compradas em Belo Horizonte, o que acarretaria muitos gastos e tempo para esperar a fabricação de outra. Na primeira caminhada em 2013 seu pai foi seguindo dirigindo o veículo de apoio e sua mãe já aos 67 anos quase completou todo o trajeto programado. Isto em agradecimento a Nossa Senhora da Piedade por ter permitido encontrar o objeto perdido. A explicação vem por ser um local considerado sagrado. Eles não são devotos dessa santa, mas acreditaram que por seu intermédio alcançaram essa graça.

Da mesma forma que aconteceu com essa família, várias outras foram abençoadas e muitas buscam, a cada caminhada, chegar ao seu objetivo maior.

Essa pesquisadora da cidade de Cataguases também serviu de informante em um trabalho produzido por Joanna Darc de Mello Croce<sup>109</sup>. Trabalho todo adaptado em pseudônimo porque os entrevistados acharam melhor não serem identificados. Apenas Cláudia teve seu nome preservado.

Joanna soube da caminhada através da informante Cláudia<sup>110</sup>. Já havia acontecido a primeira, no ano de 2013. Então, no ano de 2014, começaram os contatos antecipadamente ao dia da caminhada que normalmente acontece em setembro. Visitas foram feitas aos coordenadores. Joanna participou de uma caminhada que eles chamam de pré teste, onde se observa detalhes que irão fazer a diferença e trazer segurança aos peregrinos.

Tanto esta pesquisa como o trabalho de Joanna se embasaram em entrevistas. Apenas um detalhe os diferenciou: Joanna fez as entrevistas no momento da segunda caminhada. Como disse, ela relata em seu trabalho que participou de várias visitas aos coordenadores, teve a informante ativamente lhe passando os fatos que iam acontecendo, além de participar da segunda caminhada que aconteceu no ano de 2014. Este trabalho baseou-se nas informações na mesma informante, Cláudia, em entrevistas feitas com pessoas que participaram de algumas das caminhadas, em publicações feitas em redes sociais<sup>111</sup>, na dissertação citada acima, ou seja, este trabalho foi feito dentro da mais total realidade.

---

<sup>109</sup> Doutoranda pela UFJF; mestra pela UFJF – “Corpo e peregrinação: diálogos entre técnica e emoção- Um estudo na zona da mata mineira” (2015).

<sup>110</sup> Mestra em história pela UNIVERSO – Niteroi-RJ. “Vida social e familiar do operariado têxtil, Cataguases – século XX” (2009); Professora em Cataguases e pesquisadora da história local.

<sup>111</sup> Depoimentos de peregrinos disponível em: <<http://dioceseleopoldina.com/3-caminhos-da-piedade/>>. Acesso em: 02 maio 2018.

### 3.3 Entrevistas e relatos se misturam dando forma a peregrinação

Para obter o conteúdo deste trabalho, usei uma metodologia de deixar com pessoas indicadas como participantes peregrinos de alguma Caminhada da Piedade, um roteiro de perguntas<sup>112</sup>, para facilitar minhas informações obtidas.

Ao me deparar com os relatos nas entrevistas, faço menção ao autor Robert A. White<sup>113</sup> quando ele aborda a questão da recepção nos estudos culturais.

Como exemplo, pode-se citar pesquisas nas quais os entrevistados respondem a questionários fechados sobre o quanto de efeito uma mensagem da mídia produz sobre eles. O resultado desses questionários tem mostrado que alguns dos efeitos esperados pelos pesquisadores sempre aparecem nas respostas. No entanto quando os entrevistados respondem livremente, ou seja, não seguindo um questionário, dão uma imensa variedade de interpretações que não cabem em modelos teóricos prévios, sejam eles psicológicos ou sociais.<sup>114</sup>

Essa citação vem mostrar que quando o questionário era apresentado aos entrevistados eles não se sentiam tão à vontade. Mas, quando eu os deixava falar livremente, aí sim, eles se realizavam em mostrar o quanto foi importante participar da caminhada. Inclusive sempre falando que eram em muitas das vezes incentivados não só pela sua religiosidade e fé e sim pela leitura que eles faziam das postagens nas redes sociais. De um ano para o outro era comum eles se lembrarem de pessoas que foram na caminhada e que conseguiram vencer o trajeto por completo. Então, no ano seguinte, lembrando das inúmeras fotos e comentários eles se realizavam fazendo a inscrição e vencendo os quase 20 km de caminhada.

Vejam que em uma determinada entrevista, meu entrevistado relata que via tantas pessoas mais velhas conseguindo completar a caminhada que na terceira edição da caminhada da piedade ele resolveu se inscrever e participar. Mesmo sem ter um fundamento religioso naquele momento de decisão, ele fez um pedido à Nossa Senhora da Piedade e tinha certeza que alcançaria graças e conseguiria vencer sua promessa.

Ainda relatando as entrevistas e questionários distribuídos percebi várias pessoas dizendo que concluíram todo o trajeto. Não se tem muito relato de pessoas passando mal pelo caminho. Parece que a fé realmente remove montanhas. A fé é essencialmente a mola principal que move todo esse povo envolvido num movimento único de religiosidade. A

---

<sup>112</sup> Ficha de entrevista.

<sup>113</sup> WHITE, Robert A., *Communication Researt Trends*, Saint Louis University, v. 14, n. 3, 1994, p. 3-13 - artigo traduzido em partes para o português - *Comunicação & Educação*, São Paulo (12) 57 a 76, maio/agosto 1998.

<sup>114</sup> WHITE, 1998, p. 58.

grande maioria diz querer voltar na próxima porque perceberam ser capazes de caminhar até mesmo com uma certa facilidade. É comum ver pessoas mais velhas caminhando com tanta destreza, que os mais novos se sentem na facilidade de voltar no próximo ano. E após a caminhada o sentimento de fortalecimento da fé é grandioso. Pessoas a todo tempo demonstrando essa fé inabalável. A conversa lateral, a proximidade do outro traz a todos um envolvimento capaz de passar despercebido o tanto de quilômetros já percorrido e o que ainda vem pela frente. Nas respostas é comum ouvir assim: “eu continuei a pé mesmo, sem o carro, porque faltava pouco pra terminar”.

Uma outra entrevistada de 45 anos disse ter entendido melhor sua relação com Deus. Parecia se sentir mais leve a cada km de caminhada. Ela relatou não ser praticante de atividade física. Também não continuou em nenhuma atividade para exercitar o corpo que já tinha feito um esforço tão grande. E concluiu dizendo que completar a caminhada e contar para várias pessoas é como dividir um testemunho de fé incentivando outras pessoas a irem no próximo ano. Nesta hora percebi que aí pode estar o incentivo maior de crescer a cada ano mais e mais o número de peregrinos através da divulgação entre pessoas amigas e parentes de pessoas que residem fora da região.

Outro relato de uma peregrina de 65 anos vem trazer novamente a fé como maior incentivador. A senhora disse não ter concluído o percurso. Seu marido fazia parte do grupo de apoio e a levou de carro nos últimos quilômetros. Ela relatou que fez a caminhada pela sua família. Numa intenção de que cada vez mais estivessem juntos nas batalhas diárias. Não que sejam inimigos, mas para que permaneçam unidos. Ela sentiu muita gratidão a Deus por deixa-la andar quase todo o caminho. E que pela sua idade estava bom demais. Sentiu até que podia voltar. Essa entrevistada participa desde a primeira caminhada em 2013. Ultimamente ela tem apenas ido no carro com seu marido como apoio. Leva um remedinho para dor, um cafezinho, uma toalha, chinelos, tudo para ajudar a quem precisar pelo caminho. Em sua primeira experiência na caminhada em 2013 ela caminhava rezando, refletindo sobre sua vida, sua família e acrescentou que em vários momentos se sentia como que carregada pelos braços de Jesus

Outro relato veio de um peregrino de 58 anos dizendo que a romaria para ele era com intuito de agradecer a graça concedida pela caminhada do ano anterior. A caminhada anterior ele fez sozinho. Desta vez ele trouxe família: esposa e um casal de filhos já adultos. Disse que via a caminhada como uma grande fé e uma raça em vencer o caminho.

Disse que o que Nossa Senhora faz por ele também, faz por ELA. ELA tem piedade de mim e eu cumpri o prometido que era vencer a caminhada toda sem o carro de apoio. Ele

não tem devoção por Nossa Senhora da Piedade. Disse ser devoto de Santa Rita de Cássia. Mas entende que todas as Nossas Senhoras são Mãe de Deus. Então agrupou tudo e juntou a um pedido, fez um “pacote” só de fé e foi fazer a caminhada”. Aproveitei sua boa conversa para perguntar se achava importante ou necessária a presença do padre na caminhada como um peregrino do povo. Se a presença do padre influenciava outras pessoas a estarem na caminhada. Ele respondeu que de certa forma isso é um diferencial que as pessoas se espelham nisso: “Não era nem pra vir esse tanto de gente. Era pra vir trinta pessoas de cada paróquia só pra gente fazer uma experiência, mas deu certo”. A caminhada cresceu demais, além, muito além do esperado. Perguntei também o que não poderia faltar na Caminhada, o que era imprescindível, e ele falou:

... era a fé, a vontade e a união de todos e de quem organizou e animou muitos cristãos a vir e a chegar aqui. Deu certo e estamos fazendo de novo e buscamos mais pessoas que estão fora de Deus, buscando através da fé e de seus pedidos, e dessas pessoas que estão fraquejando durante as coisas da vida que acontecem todos os dias. As pessoas precisam de incentivo, estando as pessoas fracas com a fé, então a gente, com a fé da gente, anima um, anima o outro, e vai chegando todo mundo. A cada ano cresce mais o número de irmãos caminhando. Então um irmão anima o outro<sup>115</sup>.

Neste momento, questionei se pra ele o caráter comunitário era importante, se servia de incentivo. E se ele faria o caminho sozinho, ao passo que ele respondeu que incentiva sim a vinda de cada vez mais pessoas, mas que também faria a Caminhada sozinho, “se for minha penitência do que eu pedi. Porque eu não faço depois que eu ganho, pelo contrário, eu faço primeiro”.

### 3.4 O trabalho do historiador na coleta de dados

Observar todo o processo de preparo da caminhada religiosa “Caminhos da Piedade” faz com que minhas observações estejam voltadas para os mais variados detalhes possíveis explicando com a maior clareza possível os efeitos corporais, religiosos e culturais que a mesma traz à população envolvida.

O método utilizado para observação de um participante é necessário para explicar os mecanismos que movem determinada sociedade. Assim diz Becker:

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para

<sup>115</sup> Depoimento de um entrevistado que foi em todas as caminhadas, ajudou e continua ajudando na organização.

ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles tem sobre os acontecimentos que observou<sup>116</sup>

O papel do autor deste trabalho não inclui sua participação em nenhuma caminhada. Apenas um pesquisador que aborda vários participantes e através de seus relatos, entrevistas, pesquisas em redes sociais e amparo referencial teórico de autores diversos se sente a altura de reconhecer através deste trabalho a grande importância que essa caminhada deixa à sociedade envolvida.

As pessoas se tornam participantes peregrinos por inúmeras razões que no decorrer de análises estudadas estão sendo mostradas e sempre deixo claro que outros trabalhos ainda virão para completar tudo que aqui for exposto.

Ruth Cardoso observa o quanto é importante o trabalho do pesquisador em campo:

A prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas. Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar.<sup>117</sup>

Dentro do trabalho de campo é visivelmente notado a presença da sociabilidade que existe entre os indivíduos que de certa forma “abandonam temporariamente suas hierarquias para compartilhar sentimentos como os de comunhão, igualdade e solidariedade”<sup>118</sup>. É neste momento que Steil continua a mostrar o lado festivo, lúdico e transgressivo da peregrinação.

O que o indivíduo traz de uma caminhada para outra como representação de quem sabe mais que o outro, de nada importa. Nas pesquisas e entrevistas ficou claro que todos se colocam como iguais, compartilhando alimentos, passando por situações de privação sem qualquer tipo de conforto, sofrem juntos, dividem emoções, relatam suas histórias de vida, o porque estão ali, e assim a peregrinação segue.

O ser humano as descobre a cada tempo, a cada vez que faz o percurso ou que tem contato direto com algum peregrino.

<sup>116</sup> BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec. 1994. p. 47.

<sup>117</sup> CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos ou como escapar das armadilhas do método. In: R. Cardoso (org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 95-105. 1986. p. 103.

<sup>118</sup> STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. *Caminhos de Santiago no Brasil: Interfaces entre Turismo e Religião*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2011. p. 252.

### 3.5 O peregrino e a condição corporal para realizar a caminhada

Ao mesmo tempo que se percebe uma grande divulgação e explanação do conteúdo da Caminhada da Piedade através das redes sociais, encontra-se um grande esforço pela saúde corporal. Os entrevistados em algum momento se referiam a exercícios que faziam, preparando-se para o dia da caminhada. Uma grande maioria frequentava academia, pilates ou mesmo uma caminhada diária para o corpo ir se adaptando ao percurso. Vários discursos levaram a um misto de turismo, de ecologia, bem estar, saúde, devoção e muita fé. Além de ter a repetição da caminhada para agradecer ter vencido o trajeto na caminhada no ano anterior, ou seja, é como se uma sequência fosse formada e um ciclo não se desfizesse em tempo algum. É notoriamente percebido a vivência e o sentimento dos peregrinos que passam por uma jornada para realizar a caminhada. Quais seus anseios e desejos, suas fraquezas e forças para alcançar o objetivo maior que é chegar em Piacatuba andando.

A fim de proporcionar a conquista em finalizar a caminhada, a equipe organizadora se encarrega de conseguir voluntários que utilizam de seus próprios veículos para servirem de carros de apoio caso algum peregrino não consiga vencer o percurso a pé.

Os carros de apoio sempre estão prontos para ajudar alguns a terminarem o trajeto sem se prejudicarem fisicamente. Mas, é uma minoria que aceita ajuda. Grande parte dos peregrinos dizem: “pode deixar, vou conseguir, falta só mais um pouquinho”. E assim encerram seu compromisso religioso.

Dentro dos depoimentos recolhidos em entrevistas ou mesmo com os questionários, relatos foram obtidos onde o senhor fez o trajeto sem sapatos e ao chegar na cidade a emoção foi muito grande. Tanto por parte dele quanto pelos que o recebiam na entrada da cidade. Para ele foi um desgaste enorme, pés quase sangrando, mas venceu. É como ganhar um prêmio máximo, assim eles dizem. E esse venceu sem ajuda do carro de apoio.

Além dos carros de apoio na estrada de chão entre Cataguases e Piacatuba, tem um micro ônibus que fica na entrada do asfalto que segue com os peregrinos até a entrada de Piacatuba. Este percurso deve ter aproximadamente 3 km. E nesse momento o asfalto já está muito quente, mais o cansaço e até os que estão descalços (uns foram sem sapatos e outros tiveram os sapatos rasgados pelo esforço repetitivo em passos), são auxiliados por esse veículo que leva vários de uma só vez.

O companheirismo também é notado frequentemente. As pessoas sempre amparam quem está ao seu redor. Ninguém deixa o outro sozinho ou em situação de emergência.

Essa caminhada é estruturada de forma bem concisa. Com a questão dos batedores de moto, que ficam circulando desde a saída de Cataguases, ajudando na ocupação de apenas meia pista com peregrinos, porque ainda é madrugada na saída e esses batedores motoqueiros são os responsáveis pela segurança dos pedestres. Junto a eles vem a polícia militar que também dá sua contribuição e segurança. Além de mais de 40 pessoas que vão como voluntários, com lanternas fazendo uma barreira sempre no meio da pista de asfalto até chegarem no início da estrada de chão onde a segurança é maior. Ao começar a caminhada pela estrada de chão todos ficam mais tranquilos porque ali é somente o peregrinar.

Neste momento percebemos os corpos mais livres e soltos, capazes de caminhar sem nenhuma preocupação ou dúvidas a respeito de sua segurança ou saúde. É o momento de renovar e mostrar sua fé e religiosidade.

### **3.6 Objetos e situações encontradas no trajeto que representam a resistência do corpo**

Ainda falando no percurso rural, o detalhe do lixo produzido ao longo da caminhada é fator de grande importância. Também existem responsáveis para não deixar que o meio ambiente seja poluído. O que se distribui de copos de água, plásticos de alimentos que alguém leva e deixa cair ou outros resíduos, são recolhidos pela equipe de apoio da coordenação. Apenas o lixo orgânico como casca de frutas é que é permitido deixar pelo caminho.

A recepção dos moradores de Piacatuba para os que vão chegando é de uma emoção sem limites. Uma entrevistada relatou que não conteve a emoção, parou e chorou muito porque canta-se música de bem vindos, batem palmas, servem alimentos, água, café, as casas são abertas para uso de banheiros. Melhor dizendo, a acolhida é sincera.

Falando em objetos deixados pelo caminho ou encontrados pelo caminho temos um que representa muito bem a caminhada, inclusive faz parte da figura de anúncio da caminhada. O cajado é utilizado pelos peregrinos. Sem combinar, chegam com eles em mãos. O cajado é um emblema impresso no cartaz de anúncio e divulgação da caminhada e por isso pode ter sido sugerido sem que as pessoas percebessem o efeito da mídia. A esse respeito foi perguntado a um dos entrevistados, que faz parte da equipe organizadora, e ele deixou o seguinte relato:

Na verdade, para montar a arte da caminhada, a gente se espelha nas outras caminhadas, de Santiago de Compostela por exemplo que é a maior caminhada, e lá você recebe um cajado. São as coisas do caminheiro, do peregrino. É até interessante que fizemos umas duas vezes o caminho (da Piedade), para abrir o caminho, para pode fazer, e uma das vezes eu levei, achei um cabo de vassoura na estrada e levei, é

interessante que só de estar com ele na mão e bater ele no chão, ele te dá um certo apoio. Aí muita gente levou e leva algum tipo de apoio<sup>119</sup>.

O uso do cajado se apoia pelo caminho e podemos dizer que é sucesso de “marketing turístico”. Assim como no caminho de Santiago de Compostela aqui ele também se insinua como força que leva a imagens e imaginários do caminho junto ao público cristão. O turismo também se mistura a essa trajetória de expressões sagradas e de fé ajudando a tecer significados ambíguos porque o cajado se situa em fronteiras de mundos opostos, ou seja, o cajado pode ser um símbolo que se mostra apenas em distantes caminhadas. Longe da nossa realidade interiorana e ao mesmo tempo o cajado é um apoio tão popular vivido em variadas comunidades, independente da ocupação espacial que ocupa.

O movimentar da fé, seja católica ou de outras crenças, é uma categoria que foi e será mencionada neste trabalho a todo tempo. Acredito que ela representa algo de especial para os organizadores do evento. Movimentar ganha centralidade a partir da colocação que pode significar metaforicamente falando, o sentimento que se tem de algumas comunidades religiosas na fé. Mesmo sabendo que a fé tem momentos contraditórios na vida de várias pessoas sendo suposta como crise. Pessoas passam por incredulidade. Umas voltam a crer. Outras costumam terminar seus dias de vida na descrença.

O que leva alguém ou algum grupo a ficar descrente em sua fé, pode estar ligado a vários fatores. O que não vem como objeto de estudo no momento. A fé católica expressada nos depoimentos recolhidos me fez perceber uma mistura da fé católica, do lado espiritual e por outro lado significando estarem à prova, sempre no sentido coletivo. Devemos reparar que a fé é que deve ser movimentada e não a pessoa crente, aquela que crê no espiritual. Movimentando a fé, aquele que crê e teme a Deus, seria também movimentado por algum tipo de magia. Nessa hora percebe-se o coletivo e não o individual.

Até mesmo o padre, coordenador e incentivador dessa caminhada, deixa mais um relato onde ele contradiz a fala do parágrafo anterior. O que ficou percebido de coletivo, ele demonstra em ser individual. Mas se observarmos o seu EU, individual, só existe porque o coletivo o leva a perceber seu individualismo. Para o padre Jorge, a caminhada representa:

...uma questão pessoal que está vinculada com a questão pessoal de todas as pessoas. Particularmente, é um teste da minha capacidade física, mas também de estar junto com as pessoas e também para deixar para trás umas questões minhas. Eu sou padre, sou humano né, e quero penitenciar sobre algumas coisas. Mas eu proponho como questão pessoal minha, e como padre o fato de estar junto das pessoas da paróquia e das outras paróquias ser muito importante. Eu creio que o fato de ser padre não fica muito longe das questões dos outros, se identifica muito né... deixar para trás

<sup>119</sup> Relato de entrevista do Padre Jorge Luís Passon, coordenador e fundador da caminhada.

também, as tristezas, as angústias, deixar para trás as desconfianças, as descrenças e tocar pra frente a esperança, a confiança, que você é capaz de caminhar. A Caminhada tem seu aspecto penitencial, que é muito comum dentro da igreja, pois todos nós somos chamados para fazer nossas penitências, não no sentido de sofrimento, mas no sentido de se identificar, de estar junto, e de purificação é claro. Os caminhos da piedade são caminhos de misericórdia e de penitências, é um teste: ‘eu sou capaz, eu consigo’<sup>120</sup>.

O discurso do padre, centrado na categoria do “Eu”, assinala uma reflexão de que sua questão pessoal vincula-se com o social, mas tem um significado de preparação corporal, e um certo tipo de penitência espiritual ao deixar para trás todas as angústias, tristezas, desconfianças e descrenças. O padre se junta ao grupo, à comunidade de religiosos e peregrinos também como pessoa, como sujeito capaz de errar e pecar. Há, em certo sentido, um nivelamento que se contrapõe a autoridade de padre ao qual ele está inserido. Isso porque o padre também faz o percurso da caminhada. A ele foi perguntado se achava importante todos participarem estarem em prol de um único objetivo comum e não apenas pensando no individual. Isto, sabendo que ele se destacava do grupo enquanto padre e fazia parte da multidão que caminhava num mesmo propósito. Também foi perguntado ao padre se ele conhecia algum caso de pessoas que caminharam sozinhas, sem a participação de ninguém ao redor, sem se conectar com o outro, com um único objetivo de caminhar, chegar e voltar para sua residência. E ele mais uma vez responde com notoriedade:

Aqui tem várias pessoas que fazem esses caminhos assim. São pessoas que gostam de caminhar, mas eu não tive notícias de que outras pessoas tenham feito o mesmo trajeto da Piedade por causa de caminhada, até mesmo porque é um trajeto que não é muito conhecido, tem outros mais conhecido do que este. Nós tentamos fazer a média da distância evitando alguns morros e evitando um percurso maior. Então é uma caminhada com trecho bom, e eu não tenho notícias que alguém tenha feito individualmente. A gente sabe que os ciclistas ficam por aí desbravando as estradas, porém não tenho notícias. O sentido comunitário é uma questão que a gente insiste muito também na Caminhada, pra ninguém sair muito à frente, e ninguém ficar muito pra trás. Só que infelizmente acontece, tem os ‘apressadinhos’ e tem os mais ‘molengas’ né. Mas a ideia é justamente essa, a de fazer juntos, falar ‘vamos caminhar juntos’. Só que infelizmente quando envolve muita gente não tem jeito. Quando é um grupo pequeno é fácil, pois tá todo mundo pertinho, tem até interesse em ficar perto, e no grupo grande não, pois tem pessoas muito jovens, tem pessoas mais atletas, tem pessoas também mais idosas, e tem pessoas que não são atletas<sup>121</sup>.

Para o padre, o caminhar junto adquire um significado especial. Ao mesmo tempo ele elabora uma crítica daqueles que ou caminham depressa demais ou lentamente demais. Não é a mesma coisa. Os que caminham apressadamente quebram a unidade do grupo, enquanto os

<sup>120</sup> Relato de entrevista do Padre Jorge Luís Passon, coordenador e fundador da caminhada.

<sup>121</sup> Relato de entrevista do Padre Jorge Luís Passon, coordenador e fundador da caminhada.

que ficam para trás enfrentam problemas e dificuldades. De qualquer forma o padre coloca em evidência o quanto é complexo que todos caminhem no mesmo passo.

Foi perguntado se haviam pessoas de Piacatuba que vinham pra Cataguases fazer a Caminhada pra lá também, e o padre me contou que ele não tinha conhecimento desse fato não. Que acreditava que era só de Cataguases para Piacatuba. Mas, ressaltava que ultimamente temos recebido pessoas de vários locais diferentes, cidades mais distantes chegando para se juntar ao nosso grupo de caminhada rumo a Piacatuba.

Sendo assim poder mostrar alguns pontos das entrevistas e questionários distribuídos em prol desta pesquisa para conclusão deste trabalho, é gratificante para a história das localidades envolvidas. Completar mais fatos e deixar mais uma pesquisa sobre a caminhada “Caminhos da Piedade” é também deixar claro que esta pesquisa não se esgota em si mesma.



## CONCLUSÃO

A análise e estudo feitos sobre “Caminhos da Piedade”, atingindo seus mais de 20 km, ligando a cidade de Cataguases e Piacatuba, cidades da Região da Zona da Mata Mineira, mediadas por Santa Rita de Cássia e Nossa Senhora da Piedade contou com empenho de padres, colaboradores da comunidade católica além dos peregrinos, que sem sua presença, não seria possível a realização dessa caminhada.

Esse movimento religioso representa o mito da Cruz Queimada que podemos incluir como mais um caminho de peregrinação que vem a se juntar a outros existentes dentro e fora do Brasil.

A movimentação religiosa que a caminhada peregrina produz não é algo que acontece espontaneamente ou isoladamente nos indivíduos da sociedade envolvida. Tudo depende de uma organização, de um planejamento que vem mobilizar ideias no meio das pessoas da região ou outras localidades.

A cidade de Cataguases, por situar uma área geográfica mais central em relação a Piacatuba e possuir um número maior de fiéis católicos se lança e realiza a caminhada “Caminhos da Piedade”, sentido Cataguases a Piacatuba, tendo sua primeira edição em setembro de 2013 num total de seis caminhadas até o ano de 2019, com projeto de completar a sétima caminhada ainda este ano.

Para a realização deste trabalho foram citados autores com várias contribuições dentro de seus apanhados históricos, outros autores que produziram trabalhos a partir da história da região abordada e as entrevistas feitas ao longo desse estudo para que as informações fossem adquiridas com precisão e colocadas em confronto ou em igualdade com os pensamentos de vários estudiosos citados em minhas referências.

Diretamente ligada a pesquisa de campo, mais precisamente as entrevistas, foi identificado vários discursos produzidos pelos peregrinos e seus diversos sentidos e significados à medida que se percebe a noção de comunidade e de sociabilidade que norteava os discursos dos fiéis e assim foram expressando seus relatos. A permanência encontrada nos relatos de entrevistas dizendo que uma vez fazendo parte de uma caminhada, foi comum encontrar peregrinos que disseram ter voltado mais de uma vez na caminhada. Isso me faz concluir que a noção de comunidade estava presente. As pessoas presentes em um ano, dificilmente deixavam de fazer sua inscrição na próxima caminhada. Até porque era uma questão de colaborar com as despesas e atenção que teriam e também adquirir uma nova camisa na cor atualizada daquela edição da caminhada.

Até quando podemos falar em comunidade ou em individualismo? Os relatos mostraram que pessoas caminhavam sozinhas, outras em grupo. Pessoas saíam com um grupo e no decorrer da caminhada se perdiam, ou desligavam devido às passadas serem diferentes e aí o percurso era composto de diversos grupos que se formavam e desfaziam com frequência. Peregrinos com dores, outros caminhavam naturalmente e pareciam nem percorrer tamanha distância.

O sentimento religioso, o entusiasmo, a amizade construída, tudo era uma maneira de se encontrar com o sagrado. Utilizei em minha metodologia a mesma empregada por Velho<sup>122</sup>, por Durkheim<sup>123</sup> e Mauss<sup>124</sup> que nada tem de inovador mas que constitui a marca da escola sociológica francesa quando diz estudar a representação e categorias coletivas. Tudo que se refere a fé, motivação, saúde, sentido de vida, penitência, pertencimento, iniciativa, promessa, devoção, sociabilidade, tudo me leva a concretizar a certeza de que consegui ter a melhor perspectiva para minha hipótese colocada em pesquisa.

Ao abordar a saúde dentro de uma caminhada religiosa, a intenção era abranger o que diz respeito à atividade física e ao corpo como um incentivo à prática de atividades físicas que veio em questão com esses peregrinos pertencentes ao estudo e que alguns não demonstravam transformação alguma em seus corpos. Que ao terminar a caminhada o restante do dia e a semana seguinte de trabalhos diários transcorria normalmente. Que pareciam nem se cansar devido à prática religiosa que a caminhada representa em cada pessoa. Ali, pude concluir que um dos objetivos deste trabalho foi alcançado ao observar e analisar como é feita a construção do corpo e suas emoções num contexto de ritual religioso.

Camurça<sup>125</sup> assinala essa afirmativa quando se refere a dizer que o caminho vale por si só e percorrer o caminho é também preparar-se para a saída, para a realização das expectativas, observar a natureza enquanto se afasta de um universo diário, onde as atividades cotidianas programadas chegam ao final de cada dia sem que se perceba. Ainda de acordo com Camurça<sup>126</sup> trata-se de fundamentalmente realizar o percurso, o caminho é o fim em si mesmo<sup>127</sup>. Isso vem resultar na transformação pessoal e empenho de viver e difundir na

---

<sup>122</sup> VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: E. O. NUNES (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

<sup>123</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Livraria Martins Fontes 1996.

<sup>124</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. 2003.

<sup>125</sup> CAMURÇA, Marcelo. “Devoções Católicas na Pós-Modernidade: Das Romarias e santuários ao turismo religioso, marketing religioso e altares virtuais”. *Espiritismo e Nova Era: Interpelações ao Cristianismo Histórico*. Aparecida, SP: Editora Santuário. (Cultura e Religião). 2014. p. 274.

<sup>126</sup> CAMURÇA, 2014, p. 275.

<sup>127</sup> CAMURÇA, 2014, p. 276.

sociedade os valores despertados durante o caminho<sup>128</sup>. O pensamento de Camurça é despertar valores significativos que envolvem as experiências de uma caminhada.

Com este trabalho pude relatar que uma peregrinação depende de inúmeros fatores e atores sociais que transformam forças em realizações. Tudo em prol do sagrado, cumprindo uma tradição religiosa e juntando-se a modernidade onde a estrutura da peregrinação é elaborada com muita dedicação para que tudo transcorra da melhor maneira possível.

Sem dúvidas o percurso a percorrer na caminhada “Caminhos da Piedade” revela mais que um fenômeno religioso. Trata-se de um acontecimento social diante dos conteúdos de Mauss<sup>129</sup> onde o corpo, as emoções, a paisagem, a caminhada, a alimentação, fé, lazer dentre outros sentimentos se misturam e entrelaçam respondendo aos estímulos causados pela peregrinação.

O que muitos podem chamar de desafio, este trabalho coloca como motivação religiosa. Exemplo seria a participação dos próprios padres, líderes religiosos, que se misturam aos peregrinos fazendo parte dos caminhantes do percurso. Além dos padres temos os colaboradores como apoio e segurança envolvidos nesta jornada que expressa o caminho para a renovação da fé.

Um elemento imaginário importante seria o mito da Cruz Queimada que se constrói ao longo do tempo e que a caminhada veio para fortalecer como importante elemento simbólico presente no espírito da caminhada. O Mito da Cruz Queimada parece representar um espírito de resistência e de fé que passa ânimo aos integrantes no decorrer do percurso.

Elaborar questões, colocar em questionamentos todos os pontos envolvidos neste trabalho requer atenção e entendimento que muitos outros pontos devem ser questionados e que esta pesquisa por si só não esgota todas as informações aqui contidas. Outros estudos surgirão e novas teorias serão aplicadas para que se desenvolva novas maneiras de mostrar a religiosidade que envolve a sociedade num todo.

---

<sup>128</sup> CAMURÇA, 2014, p. 277.

<sup>129</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. 2003.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Plínio Fajardo. Torre da Cruz Queimada em Piacatuba. *Leopoldinense*. 20 abr. 2014. Disponível em: <<http://leopoldinense.com.br/coluna/30/torre-da-cruz-queimada-de-piacatuba>>. Acesso em: 01 mai. 2018.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a Teoria da Ação*. São Paulo: Papyrus Editora, 2008.
- CAMURÇA, Marcelo. Devoções católicas na pós-modernidade: Das romarias e santuários ao turismo religioso, marketing religioso e altares virtuais. In: *Espiritismo e Nova Era: interpelações ao cristianismo histórico*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2014.
- CANTARELA, Antônio Geraldo, Questões de hermenêutica bíblica à luz da estética da recepção. *Perspect.Teol.*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, p. 419-438, set./dez. 2013.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O lugar (e em lugar) do método*. Série Antropologia, 190. Brasília: EDUnB, 1995.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p. 71-100, 2004.
- CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. *Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- DETREZ, Christine. *La construction sociale du corpus*. Paris: Édition du Seuil, 2002.
- DORIA, Luiz Antônio. *Cataguases, a Princesinha da Zona da Mata*. Disponível em: <<http://www.rdvetc.com/2011/cataguases-a-princesinha-da-zona-da-mata>>. Acesso em: 1º jul. 2018.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1996.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2000.
- GRUEN, Wolfgang. A Bíblia na era da internet. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 61, p. 79-92, 1999.
- HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, São Paulo, n. 6, p. 99-128, 1980.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2015*. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm)>. Acesso em: 2 mai. 2018.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petropolis: Vozes, 2009.

LEACH, Edmund. Ritualization in Man. In: LESSA, William Armand; VOGT, Evon Zartman (Orgs.). *Reader in comparative religion*. New York: Harper & Row, 1979.

MATTOS, Ricardo Quinteiro. *História de Cataguases*. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/cidade/cataguases/historia/>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify. 2003.

MERGAREJO NETTO, Marcos. *Cultura e Espaço em Cataguases*. 2002. 83f. Monografia (Especialização) – Instituto de Geociência da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SANTUÁRIO DE SANTA RITA DE CÁSSIA. *Um pouco de história*. 27 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://santuariosantaritacataguases.blogspot.com/2013/09/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

SILVA, Cláudia Cristina. *Vida social e familiar do operariado têxtil, Cataguases – século XX*. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.

SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Jesus Cristo, eu estou aqui! *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 95-105, jun. 2009.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 249-261, out. 2003.

VITÓRIO, Jaldemir. Os estudos bíblicos em novas perspectivas. *Perspect.Teol.*, Belo Horizonte, v. XXXI, n. 85, p. 323-361, set/dez. 1999.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

Pesquisa Caminhos da Piedade

Roteiro de perguntas.

O objetivo dessa pesquisa é investigar o conjunto de significados socialmente construídos, acionados e negociados pelos integrantes da caminhada. Buscamos compreender em que medida corpo, fé e emoções relacionam-se nos discursos e práticas de lazer e sociabilidade dos participantes.

Asseguramos total anonimato para evitar toda e qualquer forma de identificação dos respondentes, caso eles não autorizem sua identidade ser divulgada.

Dados classificatórios.

Idade: Estado civil: Nível de escolaridade: Local de moradia: Profissão: Aposentado:

Perguntas:

- 1 – O que a caminhada representa para você?
- 2 – É a primeira vez que participa da caminhada? Se não, participou quantas vezes antes e em que anos?
- 3 – Como soube da caminhada?
- 4 – O que acha da distância da caminhada?
- 5 – Você fez algum tipo de preparativo para a caminhada? Se sim, qual?
- 6 – Você pratica algum tipo de atividade física regular? Se sim, qual?
- 7 – Você caminhou só ou acompanhado?
- 8 – Você poderia nos falar sobre como se sentia antes do início da caminhada?
- 8 – E durante a caminhada, o que você sentiu?
- 9 – Você sentiu algum tipo de sensação ou sentimento diferente ao longo da caminhada?
- 10 – Como seu corpo reagiu à caminhada?
- 11 – Você pensou em desistir em algum momento?
- 12 – O que você sentiu ou experimentou ao chegar à Piacatuba?
- 13 – Você participou de quais atividades em Piacatuba?
- 14 – Você pernoitaria em Piacatuba para retornar a sua casa no dia seguinte?
- 15 – Quando voltou à Cataguases?
- 16 – Pensa em fazer a caminhada novamente no ano que vem?

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Prezado(a),

Ao cumprimenta-lo(a), apresento a pesquisa de mestrado, intitulada “Caminhos da Piedade”: um estudo sobre a peregrinação religiosa em Cataguases/MG, realizada pelo discente Eduardo Gomes de Souza, sob orientação do Professor José Adriano Filho, cujo objetivo é colher informações a respeito do sentido religioso da caminhada peregrina unindo a cidade de Cataguases, Piacatuba e outras cidades.

A entrevista se dá por meio de uma estrutura simples, mas completa para o entendimento que a pesquisa necessita. O material coletado ficará sob domínio do pesquisador para análise e construção da pesquisa. O pesquisador entende que não existe risco de sua participação nesta entrevista. Caso Haja algum impedimento o entrevistado poderá se expressar livremente para que uma solução seja encontrada e dúvidas esclarecidas a qualquer momento.

Os benefícios de sua participação estão na contribuição com os resultados deste estudo. Por isso o convidamos a participar de forma voluntária desta entrevista. Vale ressaltar com clareza que sua participação é VOLUNTÀRIA, portanto, não será obrigado a responder nenhuma pergunta que não seja de sua vontade.

### DECLARAÇÃO

Assim sendo, eu \_\_\_\_\_ por estar estabelecido(a) sobre a pesquisa “Caminhos da Piedade”: um estudo sobre a peregrinação religiosa em Cataguases/MG, que o pesquisador quer fazer e porque precisa de minha colaboração, declaro que entendi a explicação e concordo em participar, voluntariamente da entrevista e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos e/ou retaliações.

Eu Eduardo Gomes de Souza, pesquisador, garanto o meu compromisso e seguirei as orientações recebidas para garantir a confiabilidade dos resultados desta pesquisa.

Cataguases, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2018.